



PRIMEIRA ALVORADA

J.H. Paschoal

O GUERREIRO DA NEVE

www.primeiraalvorada.wordpress.com



Esta é uma crônica relacionada ao universo da série de livros “Primeira Alvorada”. É recomendada a leitura do livro “Primeira Alvorada: A Lua” para maior compreensão da história que segue nas próximas páginas.

Todas as crônicas relacionadas a série de livros “Primeira Alvorada” são distribuídas gratuitamente através de download pelo site

www.primeiraalvorada.com.br

e não podem ser comercializadas. Jamais pague para ter uma dessas histórias em mãos.

Sinta-se a vontade para imprimir e ler em casa ou presentear alguém, mas jamais cobre por isso. ^^.

O GUERREIRO DA NEVE é uma crônica que narra os feitos de Rohkeus, e de Fuhén os Oken Anfall durante o período da grande batalha do Quadrado Branco. Na cronologia oficial da série, a história se passa entre a Parte 1 Capítulo 1 e a Parte 2 Capítulo 10 do livro “Primeira Alvorada: O Céu”, tendo relação direta com o universo deste.

Espero que apreciem a leitura.

J. H. Paschoal

GUERREIRO DA NEVE

(Sobre Fuhén e sua jornada protegendo a espada-chave)

CAPITULO 1

"UM SINAL DO CÉU"

Estava frio durante a noite de caça. Um frio que não se sentia desde a época que o sol machucava e matava, antes da primeira alvorada. Antes do pequeno guerreiro cruzar o caminho de Fuhén e levar seu filho e seus amigos para o abraço da morte. Isso havia acontecido a muito tempo e, desde então, o grande mutante havia retornado ao seu povo e reerguido sua tribo. Vinte anos de trabalho e de luta pela sobrevivência. Vinte anos de martírio por não conseguir cumprir a promessa de vingar a morte de seu filho, Feihen. Finalmente Fuhén havia confrontado o assassino e se redimido, perdendo-o e vencendo a própria raiva. Naquele momento foi como se libertar de grilhões que o prendiam ao passado. No momento em que percebeu que não conseguia mais sentir ódio de Arthur di Drako, Fuhén deixou a promessa de vingança para trás e seguiu seu caminho juntamente com sua tribo. Diferente de seu passado, enraizado e preso, agora Fuhén vivia livre de promessas e dívidas, levando consigo seu povo em uma jornada rumo ao norte onde terras mais calmas e selvagens os aguardavam. Mas nessa noite, de céu relampejante repleto de trovões e densas nuvens de manto negro, o velho mutante recordou-se dos tempos idos. Caminhou como um gato por sobre a fofa camada de neve envolto em um manto de pelagem rajada em branco e cinza claro, contornou uma grande rocha e ergueu o nariz, farejando o vento gélido que soprava das montanhas. Seus olhos experientes, já acostumados ao brilho pálido da neve, sondaram os arredores observando atenciosamente o movimento das nuvens e das copas das árvores. Não era só o frio que estava como antigamente, mas também a tempestade o lembrava do passado. Estava densa, ruidosa e agressiva. Parecia que poderia durar uma vida toda.

- Faz tempo que não via um tempo assim. - grunhiu ele para seu jovem pupilo que o acompanhava discreto como uma sombra.

-Então o tempo era assim na sua época? O tempo todo? - Respondeu Rohkeus, também envolto em seu manto pálido e quente, cobrindo a cabeça com um capuz adornado por penas de lintu-ni.

Lintu-ni era uma ave grande e rápida, parecida com o falcão, mas muito maior. Seu bico era recurvo e serrilhado, e nas pontas das gigantescas asas apareciam

esporões usados para prender presas grandes. A ave aparecia em cores acinzentadas, mas Rohkeus havia conseguido abater uma que tinha quase o seu tamanho e possuía mechas avermelhadas. Ao presenciar a habilidade de caça do jovem, o "Ian", título dado ao líder de guerra e caça da tribo, o adotou como aprendiz. Fuhen era o Ian da tribo de Rohkeus.

- Era exatamente assim. - respondeu Fuhen, com os olhos no horizonte, fitando atenciosamente o movimento das nuvens junto aos picos dos montes distantes.

Estavam nos limites de uma floresta e observavam o deserto branco que estendia-se por quilômetros de distancia até os olhos não enxergarem mais além da escuridão. Cumpriam no momento o papel de batedores, sondando os arredores e garantindo a segurança do grande grupo de caça, além de seguirem na dianteira da marcha. Estavam no encalço de um grande Anaustro e se conseguissem abatê-lo teriam carne e tecidos para uma temporada toda.

Um Anaustro era um animal imenso, do tamanho de um edifício de 10 andares, com presas pontiagudas e poderosas que se projetavam para fora de suas maxilas. Seu tronco era musculoso e forrado por uma carapaça natural de couro como se fosse uma armadura. Apesar de andar sobre as quatro patas ele tinha a assustadora habilidade levantar-se sobre as pernas traseiras, ficando em pé por algum tempo. Seus membros, diferente do corpo, eram recobertos por pêlo grosso e escuro. Caminhava como um urso gigantesco e alimentava-se de árvores e até rochas. Tinham um apetite voraz pelas antigas estruturas que compunham as cidades abandonadas pelo povo antigo, chamadas de Cidades Fantasma. Eram capazes de digerirem ao metal e ao concreto graças à glândulas especiais que tinham nas laterais do pescoço, na forma de esferas azuladas como se fossem rochas polidas. Era uma criatura enorme e fascinante, sem dúvida. Derrubava os prédios dos quais gostaria de se alimentar com algumas pancadas de seu enorme corpo de armadura e usava seus dentes em forma de alicate para destroçar concreto, pedra e metal. A saliva era tão poderosa no processo de amolecer o metal que os Oken Anfall aprenderam a usá-la no trato do ferro e do aço, até a transformarem em uma arma contra os gigantes de metal dos humanos.

- Não deve estar longe. - comentou Rohkeus.

O Jovem Oken Anfall estava debruçado sobre fragmentos de uma rocha que, antes de ser partida em pedaços tinha o tamanho de uma pequena casa. Ele tateava a superfície dos fragmentos que se encontravam espalhados pela neve enquanto Fuhen simplesmente mantinha-se curvo e encolhido junto a uma grande árvore de tronco opulento. Parecia estar fazendo guarda para que Rohkeus examinasse o rastro deixado pelo animal, mas o jovem Oken Anfall conhecia seu tutor e sabia que ele estava preocupado.

- A pedra está porosa e ondulada, sinal claro de saliva de Anaustros. Além disso está partida como se tivesse sido atacada por machados gigantes. Algumas

pedras ainda estão mornas. - isso acontecia graças a reação química entre a pedra e a saliva do anaústro - Acho que estamos a alguns minutos só atrás dele. Só não entendo por que não conseguimos vê-lo ainda. Parece ser um bem grandão. - Confirmou Rohkeus.

- Ele está contornando a floresta. Está mudando sua rota. Talvez ele atravessasse a floresta, mas seria muito incômodo para um animal desse porte enfrentar tantas árvores. Ele prefere dar a volta na mata. - Fuhlen disse para seu pupilo.

Fuhlen tinha certeza que para um gigante como um anaústro, forçar passagem entre troncos era uma coisa muito mais exaustiva do que contornar a floresta. Com os passos largos do animal, logo a tarefa que a princípio parecia lenta e demorada, estaria terminada.

- Por que ele mudaria de rota? Eu tinha certeza que rumaria para a cidade fantasma do lago fino. - Rohkeus sabia que a velha cidade abandonada pelo povo antigo era um pequeno oásis para o anaústro e apostava que a facilidade de conseguir alimento naquele local atrairia a fera.

Fuhlen, porém, não parecia muito surpreso com a mudança do comportamento da criatura e também não parecia muito entusiasmado. Abaixou-se ao encontro do solo e começou a roçar a neve com uma de suas mãos, até encontrar uma porção fofa e solta de neve. Era uma pegada coberta pelo tempo. Era visível o tamanho da pata da criatura, afinal, o próprio Fuhlen poderia entrar no buraco do chão.

- Procure a outra pegada. - Fuhlen disse para seu pupilo, por sob seu denso cachecol de pelos.

Rohkeus caminhou pela superfície até encontrar a próxima pegada e afundar na neve quando adentrou na pequena cratera deixada pelos passos titânicos da criatura. Então olhou para Fuhlen e levantou um dos braços fazendo sinal de que já havia encontrado.

Fuhlen ordenou que seu pupilo seguisse entrando em cada uma das pegadas consecutivas e observou os movimentos de Rohkeus enquanto ele encontrava os rastros do anaústro. Os olhos de Fuhlen estreitaram-se enquanto sua mente relacionava as informações que Rohkeus lhe mostrava.

- Ele virou para o sul?! - Rohkeus perguntou, meio confuso.

Fuhlen aproximou-se de seu aprendiz e prostrou-se na neve ao seu lado, assistindo ao clima e ao ambiente ao redor deles. Manteve silêncio enquanto seu nariz mais uma vez se elevava ao vento. Suas orelhas longas se moveram como se fosse um gato procurando a direção de onde vinha um som específico, virando-se de um lado para o outro e forçando-o a remover o gorro que lhe protegia do frio. Sua

respiração saltou em forma de fumaça e seus longos cabelos foram atacados pelo vento turbulento. Colares de ossos e de dentes foram agitados no ar.

- Você tem estado muito quieto. Muito calado. - grunhiu Rohkeus, reclamando da introspecção de Fuhlen.

Em resposta à frase de Rohkeus, Fuhlen deu-lhe um safanão na cabeça e depois levou o dedo indicador até o próprio ouvido, dando a entender que o silêncio era importante no momento. Rohkeus rosnou e encolheu-se sobre a neve, mantendo silêncio e recobrando-se mais ainda com seu manto. O rapaz não tinha a mesma paciência do ancião que o ensinava. Talvez um dia viria a ter, mas não agora.

Permaneceram apenas os dois entre a floresta e a neve do deserto durante o tempo que Fuhlen ficou parado como uma estátua, em uma posição de prontidão, com os olhos fechados e o nariz voltado para o alto enquanto suas orelhas trabalhavam na captação dos sons.

- Assim ele vai escapar. - rosnou Rohkeus, recebendo mais um safanão.

Fuhlen segurou-lhe a garganta, firme como uma tora, e puxou-o até bem perto, sussurrando em seu ouvido.

- A paciência é a maior qualidade de um bom observador. A observação é a maior qualidade de um caçador. Um bom caçador não enxerga apenas com os olhos. - sussurrou o ancião aos ouvidos afoitos de Rohkeus. O jovem já havia se habituado com as broncas e os safanões de seu tutor, mas Fuhlen parecia muito mais tenso do que costumava ser.

De qualquer forma Rohkeus não teve tempo de se irritar ainda mais com a bronca que havia levado, pois Fuhlen apontou o ambiente ao seu redor e depois as pegadas do anaústro, mostrando o caminho que o animal estava fazendo:

- Ele já está fugindo. - Fuhlen disse.

A distância entre as pegadas estavam cada vez maiores a medida que o rastro contornava a mata. Isso mostrava que o anaústro estava aumentando o ritmo de sua caminhada. Parecia mais apressado do que antes. Além disso o vento soprava do norte, levando o cheiro dos taranthars e dos oken anfall direto para o anaústro.

- Então ele nos descobriu, por isso mudou de caminho... - Rohkeus concluiu.

- Não. Ele mudou de caminho e nos descobriu por causa disso. - Fuhlen disse.

- Como sabe? Por que ele mudaria de caminho? - Rohkeus perguntou, fitando os rastros deixados pelo animal gigante e ansiando pela caçada.

Fuhen apontou para o alto e depois mostrou o horizonte ao norte. Para Rohkeus era como estar decodificando informações antes impossíveis de serem compreendidas, mas para seu mestre, cada detalhe ao redor lhe mostrava os motivos do comportamento do anaústro.

O vento soprava muito forte do norte e nuvens tempestuosas se aproximavam daquela direção, transformando o dia em noite. Flashes de relâmpagos e trovões se espalhavam pelo horizonte como se os deuses estivessem tomados pela fúria. Alguns pássaros voaram por sobre suas cabeças em bandos, todos seguindo para o sul em formações que criavam desenhos escuros contra as nuvens. No norte, ao longe, a tempestade parecia arrastar lentamente uma parede acinzentada por sobre a superfície.

- Não é de nós que ele está fugindo! - Rohkeus concluiu.

- Está fugindo da tempestade. Ela vem em nossa direção. - Fuhen disse, e o tom de sua voz não foi muito animador.

CAPITULO 2

"ÊXODO"

- Se cortarmos pelo meio da floresta rapidamente podemos alcançar o anaústro e surpreendê-lo. Ainda podemos pegá-lo. - Rohkeus disse, inspirado, desenhando na neve o esquema que planejava fazer para cortar caminho pelo meio da floresta e interceptar o animal gigante.

- Talvez você tenha razão. Ele tem mais medo da tempestade do que de nós. Talvez nem nos perceba. - Fuhen observou, e Rohkeus sentiu uma pontada de orgulho.

Fuhen caminhou mais adiante enquanto observava o horizonte, onde as montanhas ficavam no leste e no oeste. Se quisesse observar o horizonte ao sul precisaria de um local mais alto para ver por sobre a floresta, mas apostava que o céu estaria limpo naquela direção. A tempestade parecia vir mesmo do norte.

- Vamos voltar para o grupo e conversar com eles. - disse Fuhen, muito mais preocupado do que um caçador deveria estar naquele momento.

Rohkeus sabia que tempestades de neve eram perigosas, mas não achava que fosse motivo para tanta preocupação.

- Vamos organizar o ataque? - perguntou o garoto, caminhando ao lado de seu mestre.

- Não. Vamos voltar para a aldeia. - respondeu Fuhen, de forma seca, ao mesmo tempo que apertava o cinto e fixava melhor a faca larga na bainha. Depois cobriu novamente a cabeça com o capuz e seguiu caminhada.

O velho oken anfall sabia que Rohkeus ficaria frustrado, mas a parede de nuvens que avançava do norte e o comportamento do anaústro e dos pássaros não pareciam ser comuns. A velocidade do vento estava acima da média e a temperatura parecia ligeiramente mais fria, além disso os trovões estavam muito mais corriqueiros e próximos. Fuhen podia contar apenas quatro segundos depois de um relâmpago para ouvir o trovão, e esse tempo vinha diminuindo no últimos dois dias. Ele duvidava que o resto do grupo havia percebido esses sinais, talvez os mais experientes como o Hagar "velho lobo" e o caçador Karhen "chifre de gelo" tenham captado alguns desses sinais, mas cabe a ele tomar uma decisão quanto a isso.

- Estamos tão perto de capturá-lo! Cortar pelo meio da floresta não será um desafio! - Rohkeus argumentou.

Fuhen não discutiu o assunto. Quietamente, ele apenas seguiu seu caminho de volta ao grupo de caçadores, sem a obrigação de se justificar para seu pupilo. Entendia que um dia Rohkeus compreenderia por que o Ian estava abandonando uma caçada que traria tantos benefícios ao grupo. Além disso, Fuhen queria conversar com a Anik da tribo, a guia espiritual, para saber se a tempestade representava mesmo um mau agouro ou se era apenas uma tormenta passageira. De acordo com o comportamento da natureza ao redor dos caçadores, parecia um péssimo sinal.

Chegaram ao grupo e os encontraram em marcha, seguindo ao seu encontro como deveria de ser. O primeiro dos vinte e cinco caçadores era o próprio Hagar Velho Lobo que seguia na frente da linha de taranthars montando seu próprio gato gigante. Recebeu sua alcunha por matar sozinho uma alcateia de oito lobos negros, envergando agora a cabeça de um dos lobos negros sobre seu capuz e um manto preto feito de pelos que o cobria quase todo o corpo. Hagar era truculento e sua face transmitia medo aos jovens da tribo. Suas narinas eram enfeitadas com um anel de metal em forma de argola, e suas orelhas longas eram cravejadas com brincos feitos com dentes de lobos. Seus olhos quase totalmente negros, com a pupila enorme e escura preenchendo todo o espaço do globo ocular, e as órbitas oculares profundas, frequentemente permaneciam sob a sombra de sua fronte projetada. O maxilar era avantajado e as presas de baixo eram inusitadamente maiores que as de cima, ao contrário da fisiologia comum dos oken anfall, o que lhe dava um ar ainda mais ameaçador e bizarro. Para completar seu visual, qualquer porção de seu corpo que não era coberto com os naturais pelos brancos de sua raça foi preenchida por tatuagens tribais feitas com tinta azul onde a história de seus ancestrais era contada a cada runa. Aqueles que conheciam Hagar Velho Lobo sabiam que ele era eficiente em caçar e ainda mais eficiente em sobreviver. A sabedoria por trás daquela figura aterrorizante e os conhecimentos do ancião eram indiscutíveis e de muito valor para toda a tribo. Foi com sua expressão sombria de calma que o Velho Lobo recebeu os batedores que caminharam ao seu encontro.

- Fuhen Ian "Sombra da Mata" e Rohkeus "Lintu-ni Vermelho". Voltaram bem antes do que eu esperava. - saudou-os Hagar, estranhando o retorno prematuro dos batedores - Então... - deu a deixa para Fuhen explicar a situação.

- O anaústro mudou seu caminho. Está querendo seguir para o sul e para isso está contornando a floresta. - Explicou Fuhen, desenhando no chão toda a situação com a ponta de dedo ao mesmo tempo que o Velho Lobo dava ordem para que toda a fileira parasse a marcha.

Assim que o grupo parou o avanço todos os taranthars enormes se deitaram na neve para que seus montadores pudessem descer. Um dos membros do grupo trouxe dois gatos enormes puxando-os por rédeas, para entregá-los aos batedores que retornavam. Junto com ele outros membros do grupo se aproximaram, inclusive Karhen Chifre de Gelo.

- Então, o que vocês sugerem? - Hagar perguntou, ainda montado em seu taranhar que agora jazia deitado sobre a neve.

- Vamos retornar para a aldeia. - disse Fuhén, acariciando o focinho imenso do taranhar de Hagar.

Como Fuhén já previa os mais jovens ficaram surpresos e decepcionados com a nova ordem de retornar, mas Hagar e os outros mais velhos não demonstraram tanta surpresa.

- Os animais estão inquietos. - disse Hagar, observando o ambiente acinzentado ao seu redor o captando os sons que o vento fazia ao soprar através da floresta que estava à esquerda do grupo.

- Estão inquietos como costumavam ficar antes que a primeira alvorada trouxe um novo sol. É como se estivessem sentindo os espíritos malignos novamente. - disse Karhen Chifre de Gelo ao se aproximar de Fuhén.

Rohkeus ficou surpreso ao ouvir os anciões conversando sobre aquele assunto. O jovem oken anfall era forte e habilidoso mas tinha apenas 17 anos de idade. Não havia conhecido o mundo como era na época de Fuhén, quando o sol ainda era maligno e os fantasmas andavam pelo mundo.

- Você diz que os fantasmas voltaram? - Rohkeus perguntou para Karhen.

- Não sei. Mas os gatos estão tão nervosos quanto ficavam naquela época, quando nos avisavam da presença dos fantasmas. Além disso o céu está ficando como era antigamente e os animais estão fugindo. - Karhen respondeu, exatamente da forma como Fuhén havia observado.

Karhen era um excelente rastreador, capaz de observar cada sinal deixado por um animal e lê-lo com eficiência. Era sereno em suas palavras e sua postura transmitia calma e segurança, não a toa havia se tornado um dos mestres mais disputados da tribo. Era esbelto, e sua pelagem tinha um tom voltado para o azul. Vestia mantos brancos e seu capuz era adornado por dois chifres raros de espeothos montanheses em forma espiral. Nas costas o oken anfall sempre trazia sua aljava onde guardava lanças curtas com pontas de metal e hastes de madeira polida e entalhada com inscrições dos ancestrais. O tom manso de sua voz era sempre acompanhado de seu olhar cinzento, destacado por uma tatuagem azul em espiral sobre o olho esquerdo. Ouvir Karhen Chifre de Gelo falar daquela forma, com sua voz rouca e sinistra, havia feito a espinha de Rohkeus gelar.

- Retornemos então, e falarei com a Anik para termos certeza de que esta é apenas mais uma tempestade que vai passar enquanto estivermos em segurança. - Fuhén declarou por fim.

De modo geral, apesar de frustrados os jovens compreenderam as preocupações dos anciões. Respeitavam demais seus mestres e tutores e jamais

tentariam tomar as rédeas de uma situação a não ser que lhes fosse ordenado. Então, assim como o conversado, partiram em marcha retornando para a aldeia que haviam estabelecido nas dobras do cume de um monte, de onde podiam observar melhor a aproximação de inimigos e a movimentação das caravanas que viajavam pela região. ficavam protegidos por rochas sólidas e suas cabanas camuflavam-se no ambiente, também erguidas com blocos de rocha e couro tensionado. Formavam uma coroa no cume do monte e mantinham a trilha até a entrada da aldeia fechada por rochas que podiam ser facilmente removidas, arrastando-as para as laterais com a ajuda de taranthars. Para afugentar curiosos e mal intencionados, haviam decorado a região com totens de rocha onde prendiam ossos de taranthar, criando formas incrivelmente aterradoras ao redor de seus domínios. Mantinham poucas relações com os povos que viviam nas proximidades, vez por outra enviando dois emissários na tentativa de trocar produtos de seus trabalhos como couro e ossos de taranthar e de anaústro, até leite e carne, por peças como painéis de metal, armaduras modernas e espadas de aço leve e brilhante. Mesmo assim, preferiam evitar esses costumes.

Como era de hábito, Fuhen havia enviado batedores a frente para a viagem de retorno até a aldeia. Em determinado momento, enquanto percorriam uma trilha que seguia pelo dorso de uma longa elevação do terreno, o batedor veio ao encontro do grupo, aconselhando que escondessem os gatos do outro lado da dobra do terreno e lhe acompanhassem até a curva que o dorsal fazia mais à frente.

- No começo acreditei que fosse uma caravana... - explicou o batedor, caminhando como um gato silencioso ao longo da trilha, sempre tomando cuidado para não ser visto pelos estranhos que percorriam a estrada mais abaixo, longe da trilha que os oken anfall costumavam usar.

Fuhen, Rohkeus, Hagar e Karhen acompanharam o batedor, ordenando que o resto do grupo esperasse escondido junto dos taranthars que haviam se camuflado na neve branca do outro lado da crista do morro.

- Vejam lá embaixo. - apontou o batedor, deitando-se sobre a crista do morro e cobrindo-se com seu manto de pelos brancos rajados de cinza para manter-se oculto dos viajantes.

Ao longe, lá embaixo no vale, cerca de trezentos metros de distância de onde o grupo de Fuhen encontrava-se, um aglomerado de pessoas marchava desordenadamente pela estrada. Entre elas vários gigantes de metal conhecidos pelo nome de SAM também moviam-se compassadamente, resguardando a segurança do povo. Era uma massa de viajantes que enfrentavam o frio e o vento, trazendo consigo carroças puxadas por espeothos, sempre completamente carregadas de embrulhos e caixas.

- Quantos são? - Hagar perguntou, assustado com aquela quantidade de gente.

- Não consegui contar. - confessou o batedor.

- Pelo menos dois mil humanos. - disse Karhen, com toda sua astúcia.

- Não entendo. O que isso quer dizer? Por que estão viajando? - Rohkeus interrompeu a conversa entre os anciões.

- É uma vila inteira. Estão rumando para o sul. Estão fugindo da tempestade.
- disse Fuhen.

Aparentemente as desconfianças de Fuhen e dos outros anciões sobre a tempestade começavam a se concretizar. Não haveria motivo para a movimentação de tanta gente se a ameaça natural que formava-se no norte não oferecesse perigo real. Ao olhar em direção à massa de nuvens que se desenrolava no céu ao longe no horizonte, o coração de Fuhen se apertou. Precisava falar com a Anik da tribo para decidirem que providencias tomariam com relação a esses fatos e seu tempo parecia escasso.

CAPITULO 3

"O ESPÍRITO"

Fizeram o que estavam acostumados a fazer: Moveram-se sem serem percebidos através de suas trilhas alternativas, evitando sempre que a multidão que se movia lá embaixo os vissem, até finalmente perderem o aglomerado de pessoas de vista. Quando chegaram na aldeia, como também estavam acostumados, as crianças vieram recebê-los como se fossem heróis. Na verdade, eram. Era o retorno do Ian, o líder de caça da tribo, junto de seus melhores homens. O desfile deles adentrando a aldeia sobre seus taranthars e vestidos para a expedição de caça, era um deleite para os olhos de todos. Sempre traziam consigo grandes porções de carne, especiarias da floresta e troféus como crânios, dentes e ossos. As vezes algumas pedras preciosas que encontravam ocasionalmente, mas, desta vez, não trouxeram muito além de algumas lebres selvagens. O retorno do grupo de Fuhén, não parecia tão glamouroso como de costume e a feição de seus membros também não espelhava a conquista e a alegria do sucesso. Na verdade, estavam sérios e pareciam nervosos.

Seguiram até o pátio central, o maior espaço aberto da aldeia, de onde os tratadores levariam os taranthars para se alimentarem e descansarem. Era um amplo espaço aberto no cume do monte, ladeado por alguns totens de pedra de três metros de altura, com o piso forrado de cascalho e neve. Pequenas cabanas circundavam o pátio misturando-se com algumas árvores altas e fáticas, de onde os moradores sempre assistiam os caçadores entregarem seus gatos gigantes para os tratadores para depois exibirem seus troféus. Desta vez Fuhén desmontou seu taranthar e seguiu logo para o interior da gruta, uma pequena caverna que servia de lar para a Anik da tribo e templo dos deuses ancestrais. Rohkeus seguiu-o até a porta da gruta, sabendo que apenas o Ian poderia entrar. Não eram todos que tinham permissão para conferenciar em particular com a Anik, então o jovem oken anfall contentou-se em recostar-se em um dos bancos de pedra que existiam entre as árvores e as cabanas das redondezas para então afrouxar seu equipamento e descansar um pouco até o retorno de seu mestre. Sabia que talvez tivesse que esperar um bocadinho de tempo, mas apostava que Fuhén seria breve em sua conversa com a Anik como costumava ser na maior parte das vezes.

Caminhando para dentro da gruta que descia em uma escada estreita esculpida na pedra da montanha, o grande Fuhén bufou e suspirou, sentindo o calor das tochas que iluminavam sua descida. As paredes ao seu redor seguiam desenhadas por runas sem fim, narrando as origens da tribo até os dias de hoje, desde a época em que os deuses da natureza andavam pelo mundo na forma de animais. Quando terminou a descida Fuhén ajoelhou-se no que parecia ser uma passagem bloqueada por uma cortina de tecido âmbar, que ligava a escadaria de rocha a uma câmara de tamanho razoável no interior da montanha.

- Vim até você mais uma vez, carregando comigo o zelo de nossos ancestrais e a esperança de nosso povo. - disse Fuhén, com sua voz gutural.

Por entre os sons estalados de uma grande fogueira e o assóvio tênue do vento, uma voz singela lhe respondeu:

- Entre, Fuhén Sombra da Mata. Quero ver no brilho dos seus olhos seu espírito inquieto.

O truculento oken anfall atravessou a cortina e adentrou uma câmara rochosa quase completamente circular ladeada por tochas feitas de chifre de espeotho. O teto era alto, quase quatro metros e meio acima de suas cabeças, onde uma grande rachadura permitia-os enxergar o céu. As paredes de rocha escura traziam marcas feitas com uma mistura branca de cal onde runas e desenhos se mesclavam, cada um com um significado que apenas a Anik conhecia. Ao centro uma fogueira farta crepitava guarnecida por pedregulhos e, ao fundo do salão, por trás das chamas alaranjadas, Fuhén podia ver a silhueta da Anik em pé.

- Sabe o que me traz até aqui, senhora? - perguntou Fuhén.

- Os espíritos estão inquietos meu caro guerreiro. Estão se movendo apressadamente junto de nossos ancestrais... - disse ela, de costas para o mutante.

Das costas da Anik um véu feito de linhas emaranhadas em penas brancas caía até o chão e espalhava-se. A silhueta da jovem oken anfall era sinuosa e parecia esculpida em madeira polida, tão perfeitas eram suas curvas. Não haviam exageros na imagem a frente de Fuhén... A Anik era simplesmente harmoniosa, com uma beleza pura. Quando ela se virou para encarar o grande guerreiro ancião que adentrava seu salão, seus olhos estreitos e felinos na cor de um amarelo vivo reluziram frente às chamas da fogueira. Seu semblante era sereno e esguio, com seus cabelos descendo na forma de tranças longas e sedosas entremeadas por pequenas penas brancas. Seu busto exibia um colar feito de dentes de taranthar com uma gema azul cristal ao centro. Seus braços e pernas eram marcados por runas desenhadas com facas, e as cicatrizes brancas destacavam-se em sua pele. Não vestia muitas roupas, apenas um corpete leve feito de pano e uma saia cortada nas laterais, como uma tanga. Segurava um cetro longo feito de madeira cor de caramelo, esculpido com inúmeras faces de animais ao longo de sua haste, ao topo um taranthar com a boca escancarada e as presas em destaque.

- Eu ouço você, Julanzai Sopro do Céu. - disse Fuhén, formalmente curvando-se.

O guerreiro sabia que aquela jovem era a representante dos espíritos de todos os seus ancestrais, a única da tribo capaz de invocar a sabedoria daqueles que já se foram. Fuhén conhecia o poder dos espíritos e respeitava Julanzai por sua proximidade com eles.

- Você voltou cedo. - disse ela, caminhando pela lateral da fogueira e seguindo lentamente ao encontro do mutante.

O rosto da jovem onken anfall exibiu uma pintura branca, onde os lábios destacavam-se em tons escuros.

- As nuvens não me permitiram continuar. Não me parece uma simples tempestade. - Fuhen afirmou.

Julanzai suspirou, como se não levasse Fuhen muito a sério, entediada.

- O que o leva a crer que as nuvens não trazem apenas a chuva e o gelo? - ela perguntou, aproximando-se do grande Fuhen, parecendo pequena perto do guerreiro.

- Vi animais fugindo. Vi um grande anaastro fugindo. E vi muitos humanos fugindo. - disse ele - O céu está escuro. Os deuses parecem zangados.

- Os deuses nunca estão satisfeitos, não é verdade? - disse ela, exibindo um meio sorriso para o guerreiro.

A Anik era sedutora, mas seus olhos espelhavam uma sabedoria profunda. Como qualquer coisa profunda e distante, era necessário paciência para conseguir alcançá-la.

- O que nossos ancestrais nos dizem? - perguntou Fuhen, calmo e sereno como um lago congelado.

Julanzai girou sobre os calcanhares e caminhou até a fogueira, bateu com o cajado contra as toras que queimavam e assistiu as fagulhas se levantarem no ar, dançando no vento que soprava pela rachadura do teto. As fagulhas lentamente flutuaram ordenadamente, criando desenhos de runas sobre a fogueira bem na frente dos olhos de Fuhen.

A Anik pareceu estremecer por um instante, depois curvou-se e começou a sussurrar palavras na língua dos espíritos. A capa de penas quase a cobriu por completo, mantendo apenas o cajado com o taranthar na ponta destacando-se por entre as fagulhas.

- Você sabe o que fazer? - Julanzai perguntou para Fuhen.

- Fazer com o que? - Fuhen perguntou sem compreender as runas de fogo que as fagulhas desenhavam - O que os ancestrais dizem por entre as chamas?

Julanzai se levantou e brandiu o cajado em um golpe lateral, dissolvendo as runas de fogo e transformando-as em cinzas em um instante.

- As estrelas estão caindo. - disse a Anik, com seu olhar tenso e vidrado na fogueira.

Fuhen puxou-a pelo ombro para que pudesse olhá-la diretamente nos olhos.

- É a antiga profecia? A queda das estrelas que mudará o mundo? - Fuhen perguntou, segurando-a com suas grandes mãos.

- A garota... Ela voltou para falar com você! - disse a Anik ao fitar os olhos de Fuhen.

Ela podia enxergar o espírito perturbado do guerreiro, marcado por tantas guerras e catástrofes, o que mais o atormentava era um acontecimento recente.

- O que ela quer? Por que ela fica voltando em meus sonhos?! A pequena branca está caminhando comigo? - Fuhen perguntou. Seu tom era sério, mas entre as palavras era nítida a ânsia pela resposta da Anik.

Mesmo presa pelas poderosas mãos de Fuhen, a Anik riscou a testa do guerreiro com um de seus dedos, marcando-o com cinza da fogueira. Em seguida fechou os olhos e começou a falar na língua dos espíritos mais uma vez, sussurrando palavras aleatoriamente sem parar. Quando seus olhos amarelos se abriram, Fuhen ainda a encarava.

- O que ela quer dessa vez? - Ele perguntou.

- Ânã quer sua ajuda mais uma vez. - Julanzai respondeu.

Fuhen aliviou os ombros da Anik e soltou-a assim que ouviu o nome da garota. Jamais se esqueceria dela. Jamais se esqueceria do que havia acontecido no dia em que Arthur di Drako matou seu filho e o levou deste mundo.

- Como? - Perguntou o Ian.

A Anik não respondeu diretamente, ao invés disso virou-se e caminhou até a parede, pegou uma das tochas e iluminou os símbolos desenhados procurando por alguma coisa específica.

- Se os ancestrais estiverem corretos, as estrelas vão cair e tudo vai acabar. O que podemos fazer para impedir as estrelas de caírem do céu? - perguntou ela, caminhando com a tocha ao redor da parede até parar, ainda de costas para Fuhen.

- Não podemos fazer nada para impedir as estrelas de caírem. Elas estão muito longe! Os espíritos não podem enviar-nos alguma ajuda? - Fuhen perguntou.

- Eles já enviaram, Fuhen Sombra da Mata. Eles enviaram um sinal. - disse a Anik, finalmente se virando para o líder de caça de sua tribo e destacando um dos inúmeros símbolos em sua parede, iluminando-o bem de perto com a tocha.

Os olhos de Fuhen se arregalaram para o símbolo que a Anik havia destacado na parede. Era um dragão na forma de meia lua, curvo como a lâmina de um machado.

– Nós não podemos impedir as estrelas de caírem. Mas Ânía não veio até você novamente sem motivo. - disse a Anik.

Fuhen respirou profundamente algumas vezes enquanto encarava o símbolo gravado na parede, reconhecendo-o imediatamente. Jamais se esqueceria daquela imagem. Deu um passo atrás, sentindo seus músculos tensos e o estômago pesado. Não era apenas o céu que parecia voltar no tempo, mas as imagens de seu passado voltaram todas novamente como se tudo tivesse acontecido a apenas alguns dias atrás. Seus punhos se fecharam com tanta força que as unhas tiraram sangue das palmas de suas mãos.

– Estamos em perigo? Todos nós estamos em perigo? - Ele perguntou para a Anik.

Julanzai lançou um olhar contemplativo para o céu, por entre a rachadura no teto da gruta, e respirou profundamente.

– As estrelas estão vindo. Estamos todos em perigo. Não importa a raça, o povo, ou o tamanho. As estrelas virão e acabarão com tudo até reduzirem nossa vida a uma vaga lembrança. É o momento do mundo finalmente renascer sob a luz das estrelas cadentes. Elas virão, isso já dizia a profecia, se vamos sobreviver... Não sei dizer. Mas você conhece esse símbolo! Você sabe quem pode nos ajudar!

Fuhen virou-se e saiu sem cerimônia, caminhando pelo salão até a saída.

– Voltarei para vê-la, com certeza. - disse ele antes de deixar o salão da Anik, seguindo de volta para o pátio.

– Ânía estava certa ao vir até você. Seu espírito é forte, mas não pode sobreviver eternamente em seu corpo. Precisa ajudar aqueles que tem a força necessária para lutar. - disse Julanzai, com a luz da fogueira refletindo em seus olhos amarelos. Com seu charme felino ela encolheu-se abraçada no cajado de madeira, escorregando os dedos pela haste cor de caramelo até parar sobre um dos animais esculpidos na madeira.

Era um dragão.

CAPÍTULO 4

"A ESPADA E O DRAGÃO"

Fuhen marchou com a respiração bufando para fora da gruta da Anik, passando por Rohkeus sem ao menos se dar conta de que seu pupilo o aguardava.

- Senhor! - Rohkeus chamou Fuhen, mas seu mestre parecia muito compenetrado em seu objetivo, simplesmente passando por ele como se nada mais no mundo existisse além de seus afazeres.

Rohkeus conhecia Fuhen bem o suficiente para saber que o Ian não se comportava normalmente já por algumas semanas. Nos últimos dias, porém, o comportamento de Fuhen havia se tornado ainda mais calado, sereno, compenetrado, como se o oken anfall permanecesse mais tempo ouvindo a própria mente do que o ambiente ao seu redor.

- Senhor! - Rohkeus chamou mais uma vez, agora caminhando apressadamente junto de seu líder.

Fuhen mais uma vez não respondeu. Apenas seguiu seu rumo pela aldeia, caminhando de forma truculenta sob seu manto pesado enquanto a espada longa balançava em suas costas onde os pelos grossos o protegiam do frio. Sua respiração bufava fumaça graças ao vento gelado do alto da montanha.

Rohkeus percebeu que seu mestre caminhava diretamente para o salão do Ian, onde os "Taran", o grupo formado pelos melhores caçadores costumavam se reunir. Fuhen não ignorava apenas seu pupilo, mas tudo e qualquer coisa que entrasse em seu caminho. Desviando-se quando possível, e empurrando quando necessário, os oken anfall saíam de seu caminho sem pestanejar.

A grande tenda dos Taran onde ficava o salão do Ian surgiu na frente deles quando finalmente dobraram uma das curvas na montanha, encarando a tenda gigantesca formada por vigas de madeira, ossos de anaústro e tijolos de pedra. Consistia em um grande salão retangular de pedra com chão feito de blocos de rochedo toscamente encaixados. Ao centro uma mesa enorme, uma única peça de madeira bruta esculpida marcava o ponto de encontro dos principais guerreiros. Muitos já encontravam-se lá dentro enquanto aguardavam o retorno de Fuhen da reunião com a Anik, e surpreenderam-se quando seu líder avançou porta adentro rosnando baixo até parar diante da mesa.

- Saiam! - rugiu ele, apontando a porta do salão.

Nenhum dos caçadores compreendeu as palavras do Ian a primeiro momento e até Rohkeus estacou, paralisado pela voz trovejante de seu mentor.

- Mandei saírem! - repetiu ele com mais ênfase, e desta vez sua voz ecoou pelo salão cerimonial dos caçadores, conferindo-lhe uma postura assustadora.

Os caçadores que já se encontravam no salão lentamente se levantaram e, sem compreenderem por que seu líder se comportava daquela forma, dirigiram-se para fora, um a um eles passaram por Rohkeus que continuava congelado logo ali. Até Karhen Chifre de Gelo levantou-se, trocou um breve olhar com Fuhlen e caminhou em direção à porta. Ele sabia que muito em breve o líder explicaria o motivo de tudo aquilo e, em sua paciência anciã, retirou-se sem palavra alguma.

Fuhlen não olhou para trás, assumindo que ninguém pudesse contrariar sua vontade, então não notou que seu pupilo havia permanecido no interior do salão. Caminhou em direção ao trono que resumia-se a um acento estofado com peles e um encosto trabalhado em madeira e ornamentado com ossos de taranthar que ficava ao fundo do salão. Passo ante passo ele aproximou-se do trono de uma forma estranha e cautelosa, como se alguma coisa lá não estivesse certa. Como se existisse algo perigoso naquele trono. Curvou-se e sem muito cuidado arrancou o acento de madeira arremessando para a lateral como se estivesse extravasando a raiva. A peça de madeira espatifou-se contra a parede de pedra, explodindo em farras e gravetos, tamanha foi a força de Fuhlen. O Som ecoou pelo salão, ressaltando ainda mais o silêncio que se seguiu.

- Então você está de volta. - suspirou Fuhlen, exalando fumaça em sua respiração graças ao frio.

De dentro do trono o oken anfall retirou um embrulho que, desenrolando-o revelou uma pequena espada brilhante constituída de uma lâmina estranha na forma de dentes como uma chave. Em sua empunhadura a marca do dragão em forma de meia lua destacava-se juntamente de um orbe âmbar. O mesmo símbolo que a Anik havia lhe mostrado na gruta. A espada que o pequeno guerreiro havia lhe dado de presente em honra a Feihen, seu filho morto. Ele havia perdoado o pequeno guerreiro que levava seu filho, mas não gostaria de vê-lo novamente.

Arthur di Drako era o nome do pequeno guerreiro e talvez ele pudesse impedir a queda das estrelas. Talvez o retorno de Ânía em seus sonhos e o símbolo lhe mostrado pela Anik sejam mensagens de emergência. O destino parecia brincar com peças perigosas nesses tempos conturbados e Fuhlen acreditava que a espada dos Drako não estava em sua mão por mero acaso.

- Então você me deu a ferramenta que pode nos salvar. - Fuhlen sussurrou consigo mesmo, lembrando-se do momento em que Arthur lhe entregou a espada com presente em honra à morte de seu filho, Feihen.

Os olhos do líder oken anfall deslizaram pela lâmina até onde o nome Drako estava gravado, contemplando o brilho da espada refletido das chamas das tochas.

Fuhen olhou para o alto, o forro do salão, feito de uma lona de couro remendada com tecidos sob uma cobertura densa de palha trançada. Seus ouvidos captaram o som uivante do vento como se fosse a voz dos espíritos. Era como se o mutante estivesse conversando com o ambiente e as notícias não eram animadoras. Os taranthars estavam certos ao se agitarem. As estrelas viriam muito em breve e os espíritos ancestrais estavam lhe avisando do perigo através do som dos ventos, das chamas do fogo e do comportamento dos animais.

- A espada de Arthur di Drako... - Balbuciu Rohkeus, maravilhado por estar na presença do artefato que era considerado lendário.

A primeira reação de Fuhen foi se indignar por não estar sozinho no salão como era seu desejo. então levantou-se como um grande taranthar e marchou na direção de seu pupilo, determinado em dar-lhe uma lição. Porém, logo voltou à serenidade e compreendeu que esse não era um momento para conflitos. Ele precisaria muito da ajuda de todos se pretendessem enfrentar as estrelas. Parou diante de Rohkeus enquanto segurava a pequena lâmina dos Drako na mão e bufou, contendo sua fúria.

Claro que Rohkeus percebeu suas intenções, então deu meio passo atrás hesitante e curvou-se em reverência de forma humilde e amedrontada. Não disse palavra alguma, pois sabia que estava errado.

- Levante! - ordenou Fuhen.

Rohkeus tremia frente ao grande líder dos Taran.

- Levante, rapaz! Deixe de firulas, estou mandando. Preciso conversar com você - Fuhen agarrou o traje de Rohkeus e puxou-o para o alto sem muito esforço.

- Sim, senhor.

- Sente-se - apontou a mesa central, onde apenas os dois se acomodaram deixando a pequena lâmina em forma de chave repousando na madeira ao meio.

- Por que o senhor pegou a espada chave? Por que está não estranho e não é de hoje!? Já faz um tempo que percebo, anda bem estranho. - Rohkeus desandou a falar.

Quando o garoto terminou, um costureiro safanão ajudou-lhe a se lembrar de que estavam no salão dos Taran, apenas ele e o Ian, líder dos Taran e que ele havia contrariado uma ordem. Deveria falar apenas quando permitido.

- Já venho sonhando com mensagens dos espíritos a algum tempo e hoje, com a mudança do clima e o comportamento estranho dos animais consultei a Anik. Conhece a profecia das estrelas cadentes? - Disse Fuhen.

- Mais ou menos... - Rohkeus ficou sem graça de dizer que não conhecia praticamente nada.

Fuhen bufou.

- Muito tempo atrás nossos ancestrais receberam um recado dos espíritos. Foram orientados que o mundo como o conhecemos começaria a mudar e, a última mudança traria o fim de nossa vida. A última mudança viria com a queda das estrelas, que finalmente extinguiria nossa vida nesse mundo. Nossa vida e a de qualquer outra criatura. - Fuhen apontava o céu e fazia gestos enquanto contava a história.

- E vocês acreditam que essas mudanças no clima tem relação com tudo essa história? - Rohkeus perguntou de forma descrente.

- Muito tempo atrás, quando meu filho morreu, o sol nasceu sem a fúria dos deuses, e nossa pele deixou de queimar com sua luz. As tempestades desapareceram e os fantasmas foram embora. Essa foi a primeira mudança, que chamamos de primeira alvorada. Depois, o líder dos pequenos me presenteou com a espada de sua família e disse que era a última marca dos tempos antigos, que ele gostaria que ficasse comigo para que eu contasse nossa história ao meu povo. Para que não precisássemos mais lutar. Para que eu contasse que fora ele o responsável por trazer o sol sem fúria. - contou Fuhen, gesticulando para a espada.

- Certo. Foi então que migramos para o norte, quando começaram a estabelecer as cidades na superfície e colocarem os gigantes de metal para marcharem com mais frequência. - concluiu Rohkeus.

- Eles chamam o território de "Quadrado Branco". Agora o céu voltou a ficar escuro e as nuvens trovejam de forma furiosa novamente. Os animais agem como se os fantasmas caminhassem pelo mundo e migram para o sul. - quando Fuhen terminou de falar, alguns pássaros que se empoleiravam nas vigas de madeira que sustentavam o teto do salão saíram todos em revoada para fora, ao mesmo tempo, como se compreendessem as palavras do Ian.

Fuhen e o garoto ficaram em silêncio por algum tempo, assistindo algumas penas flutuarem no ar, depois voltaram novamente sua atenção para a conversa.

- E o que acha que podemos fazer em relação à tudo isso? - Rohkeus não compreendia qual seria o papel de seu povo - Se as estrelas realmente vierem, como diz a profecia, não nos cabe resistir.

- A profecia não diz que devemos nos submeter às estrelas, apenas diz que o mundo vai mudar e nós vamos morrer. Pretende ficar sentado e esperar? - Disse Fuhen.

- Se as estrelas caírem do céu acho que o máximo que posso fazer é rezar aos deuses, não acha? - perguntou Rohkeus, descrente e sem esperanças.

Fuhen olhou em direção ao centro da mesa, para a espada e depois de volta para Rohkeus, como se sugerisse alguma coisa.

- Temos o instrumento que mudou o mundo uma vez. Temos a ferramenta que foi usada para espantar os fantasmas. Talvez...

- Talvez poderemos mudar o mundo mais uma vez, certo? - Rohkeus compreendeu o que Fuhen queria dizer.

- Exatamente! - esfregou a mão na cabeça do pupilo.

- Mas, não sabemos como ela funciona! - Rohkeus exclamou.

- Mas, sabemos quem sabe usá-la. - Fuhen pegou a lâmina do centro da mesa e mostrou-a para Rohkeus, enfatizando o nome gravado na espada.

- Arthur di Drako. - Rohkeus grunhiu o nome como se invocasse a pessoa.

Talvez, segundo os espíritos, a espada e seu dono, juntos pudessem salvar o mundo mais uma vez. Caso as estrelas realmente viessem e incendiassem o mundo, pelo menos teriam uma chance de salvação. Fuhen enxergava os sinais que apontavam nessa direção, agora mais claramente do que antes.

- Agora vamos. Não podemos mais ficar aqui. Precisamos ir embora, todos nós. - disse Fuhen, para o espanto de Feihen.

CAPITULO 5

"RUMO AO SUL"

Fuhen retornou até Julanzai, dessa vez portando a espada. Adentrou na gruta e encarou os olhos misteriosos da Anik, mostrando-lhe a lâmina.

- Esse era o recado dos espíritos? Foi com isso que eles trouxeram o sol e fizeram a primeira alvorada. - Fuhen disse.

A Anik caminhou em sua direção, sempre com a leveza dos passos desenhando arcos pelo chão, como se dançasse sem querer, de forma natural. Fuhen parecia um gigante ao lado de Jula. Uma montanha em ao lado de uma árvore de flores brancas.

- É o instrumento dos pequenos e trás o mesmo símbolo pronunciado pelos espíritos. Você é sábio, Fuhen Sombra da Mata! Você compreendeu o recado dos espíritos ancestrais! - disse ela, alisando a lâmina com a mão, sentindo com os dedos o relevo frio criado pela gravação do nome Drako no metal.

- O que a garota de olhos rosados lhe disse em seus sonhos? O que vocês tem conversado? - sussurrou Jula aos ouvidos de Fuhen.

Ao redor deles a parede toda gravada com os símbolos bruxuleava com as chamas da fogueira central. Os olhos de Fuhen percorreram o ambiente e se fixaram na imagem estilizada de um taranthar.

- Nós precisamos ir embora daqui. Não podemos mais ficar. Precisamos encontrar o dono da espada. - disse Fuhen.

- O assassino de seu filho! - Julanzai esboçou um sorriso, compreendendo a ironia da situação - Os espíritos sabem mesmo como colocar um de nós à prova.

- Vou precisar da sua ajuda com o povo. Não poderemos mais ficar aqui. Vamos viajar todos juntos. - disse ele, de forma categórica, afastando-se da Anik.

Com aquela frase Fuhen encerrou a conversa. Julanzai agora sabia que viajariam e que ela teria um papel ainda mais importante do que ja vinha fazendo. Agora voltaria a ser a líder espiritual de um povo sem casa novamente. Era uma decisão difícil que Fuhen estava tomando, mas ele acreditava que seria melhor.

Pouco mais tarde os Taran foram reunidos no salão dos caçadores e, como o próprio Karhen Chifre de Gelo havia previsto, as explicações de Fuhen sobre seu comportamento foram dadas. Falou sobre sua conversa com a Anik e mostrou a espada chave ao seu grupo de caçadores. Dentro do salão, sob a luz das tochas, a lâmina curta brilhou ainda mais. Por fim, deu a notícia de que viajariam todos ao sul. A princípio houve descrença e discordância. Conversas paralelas surgiram e alguns

membros dos caçadores ficaram indignados. Alguns deles, mais jovens e não por isso pouco influentes se indignaram com a decisão. Claro que o Ian colocava a frente deles uma situação rara: Era uma decisão já tomada, não haveria votação.

Não foi fácil explicar a situação. Fuhen mediu suas palavras, principalmente no tocante aos seus sonhos, mas já sabia que alguns céticos simplesmente ignorariam os sinais dos espíritos. No calor da discussão, quando a reunião havia perdido completamente a ordem, Fuhen levantou-se de seu trono e bateu com a mão no tampo da grande mesa. O som estalado fez todos se silenciarem e se voltarem para ele:

- Os senhores não estão compreendendo a situação? Se a profecia for verdadeira e se os sinais que temos estiverem certos, simplesmente vamos, TODOS aqui, deixar de existir nesse mundo. Não acham que vale a pena tentarmos ao menos alguma coisa? Ou estão tão acomodados a viver aqui que esqueceram-se que sempre fomos um povo nômade? - disse o líder.

- Não é certo decidir sozinho! - resmungou um dos caçadores, mais jovem.

- Por que não envia uma comitiva para levar a espada e encontrar Arthur? - perguntou outro jovem.

Obviamente os mais velhos conheciam melhor os costumes da tribo e sabiam que, quando Anik e Ian concordam em uma decisão, ela acaba sendo o melhor para toda a tribo. Além disso, a união sempre favorecia a sobrevivência.

- Se a profecia for verdadeira, e os sinais que recebi estiverem corretos, não vai fazer a mínima diferença quem vai levar a espada ou quem ficará morando aqui. Apenas acredito que juntos teremos mais força para cumprir essa tarefa. Se as estrelas vierem ao meu encontro sei que não terei muito o que fazer para sobreviver, mas se tenho essa opção prefiro tentar. - Fuhen explicou, mais uma vez, com calma e paciência.

- Eu vou onde você for. - disse Hagar Velho Lobo, dando de ombros como se não desse a mínima para a profecia - Pouco me importa o motivo, se pretende viajar com nossos gatos e sair por aí, estarei ao seu lado.

Com essa frase o velho Hagar colocou um peso enorme nas palavras do líder e lembrou os mais jovens da essência da lealdade.

- Acha mesmo que nosso destino está atrelado a essa espada? - Karhen Chifre de Gelo perguntou.

- Não acho. Eu tenho certeza. - Fuhen respondeu.

- Que diabos, os ancestrais mostraram mesmo o símbolo do dragão em meia lua? - Karhen perguntou novamente, inclinando-se para ver a espada mais de perto.

- Não tenho dúvida disso. - Fuhen apontou o símbolo na espada.

- Então por que estamos discutindo?! É um sinal bem claro para mim. Precisamos achar esse fulano e lhe entregar logo essa arma. - Karhen grunhiu, sempre fiel aos ancestrais.

- Você já trouxe desgraça ao nosso povo uma vez, com seu filho arrastando os caçadores para morte no passado, e o fará novamente. - disse um dos membros dos caçadores, lembrando o extermínio sofrido pelos caçados na luta contra a caravana de Arthur no pé da montanha.

- Se acredita mesmo nisso, então acho melhor que você fique morando aqui. E todos que concordam com ele também, não quero imbecis marchando conosco. Quando as estrelas vierem vão se lembrar de nossa causa. - Fuhen falou rosnando entre os dentes e contendo-se para não se exaltar. Mesmo assim foi muito claro com sua determinação. Aquele Oken Anfall que insultou a memória de Feihen não marcharia com eles.

Ao fim da reunião tensa ficou determinado que partiriam ao fim do dia seguinte. A pressa era explicada pelo comportamento tenso dos animais e as revoadas cada vez mais frequentes de pássaros rumo ao sul.

Claro que os caçadores espalharam rapidamente a notícia e, apesar da bagunça e do alvoroço criado pelo evento, a tribo toda havia tomado as devidas providências para viajarem. Como Fuhen havia previsto, algumas famílias recusaram-se em acompanhar o grupo, alegando que seria a desgraça de todos. Os Taran não se importaram com eles. Ao contrário, simplesmente os deixaram para trás. Com Anik e Ian marchando juntos rumo ao sul, dificilmente aqueles que ficaram para trás teriam razão, afinal, os espíritos ancestrais estavam marchando para o sul com eles, e os taranthars seguiam sempre o Ian. Se as estrelas viessem, seria melhor que os espíritos estivessem ao seu lado.

A caravana dos oken anfall era sempre organizada. Eram um povo nômade por natureza e estavam acostumados a marcharem em viagem. A coluna central era constituída por carroças e trenós puxados por espeothos e velhos taranthars, onde levavam comida e mantimentos. Anciões e mulheres seguiam junto, montados em taranthars ou abrigados nas carroças. Claro que não costumavam carregar muita coisa pois sabiam que quanto mais leve pudessem viajar mais chances teriam de sobreviver. Aos lados da coluna central da caravana, taranthars montados por guerreiros criavam uma parede de proteção, servindo de barreira no caso de um ataque imprevisto e, principalmente, quebrando a força do vento e reduzindo o frio. Longe da caravana seguiam batedores espalhados para todos os lados, equipados com trompas feitas com chifres de espeothos, sempre preparados para alertar o grupo no caso de alguma ameaça surgir pelo caminho. as prioridades eram de se desviarem de qualquer perigo e, em último caso entrar em combate. No caso de um embate inevitável teriam de proteger os anciões, mulheres e crianças, mas, desta vez, principalmente a espada.

Rohkeus assistiu o cume da montanha onde havia crescido se distanciando e ficando para trás enquanto montava seu taranthar ao lado da coluna central da caravana. Sentiu tristeza e estranhamento ao se despedir do local, percebeu que não voltaria mais a ver aquelas terras. Seus olhos voltaram-se para o alto, de encontro com as nuvens densas e negras que transformavam o dia praticamente em noite e se revolviavam lá no céu, como se estivessem inquietas.

- São os espíritos dizendo que não temos muito mais tempo. - disse uma voz mansa ao lado de Rohkeus.

O pupilo de Fuhlen voltou-se para a coluna central da caravana e aproximou seu taranthar da carroça ao vislumbrar uma bela oken anfall que projetava-se para fora da tenda pequena que havia sido montada sobre a condução.

- Acha mesmo? - perguntou ele.

- Não tenho dúvidas meu caro caçador. O que acha que estamos fazendo agora? Por que acha que estamos marchando? - perguntou ela.

- Sempre marchamos. Sempre viajamos. - Rohkeus respondeu o que havia sido instruído a responder. Nem todos sabiam da situação e seria melhor manter segredo sobre a profecia para não causar pânico geral.

- Não é disso que estou falando, jovem caçador. Posso ver nos seus olhos a tristeza da despedida, mas não encontro neles a esperança da vitória. O que Fuhlen Sombra da Mata lhe disse para deixar seu espírito tão inquieto e sem esperança, hein, Rohkeus Lintu-ni Vermelho? - perguntou ela.

Rohkeus surpreendeu-se com as palavras da garota, mas compenetrado em sua despedida do local onde nasceu e foi criado, simplesmente continuou a conversa:

- Como sabe como é meu espírito senhorita, por que se julga capaz de me avaliar? - riu ele, ainda contemplando o cume que ficava para trás.

- Olhando agora, percebo que você é mais importante do que aparenta. Faz sentido que seja discípulo do Ian. Os espíritos ancestrais guardam um destino interessante para você Rohkeus Lintu-ni Vermelho. - quando a garota disse isso Rohkeus esqueceu o cume da montanha de onde sua tribo se despedia e finalmente compreendeu. Cravou seus olhos na garota e congelou.

- Sinto muito, senhora, eu... - A voz lhe fugiu quando percebeu que conversava com a Anik da tribo. Só agora percebia a carroça puxada por taranthars saudáveis e enfeitada com penas brancas e ossos de pássaros.

- Pegue isso, por favor. Considere um presente dos espíritos. - Ela sorriu com sua beleza magnética, atirando-lhe um saquinho de pano que o garoto pegou no ar - E não se preocupe em conversar comigo, sinto que vamos passar ainda muito tempo juntos.

- Obrigado, senhora. O que é isso? - Perguntou ele, abrindo o saquinho e encontrando em seu interior um monte de pastilhas acinzentadas e geladas.

- São "contas de frio" que os pequenos usam para terem mais poder. enquanto estiver com elas você será mais forte. Considere um amuleto. - Ela sorriu de sob seu manto de pelo denso rajado de branco e creme com faixas tigradas.

- Agradeço muito! Por que os espíritos estão me presenteando com isto? - perguntou ele.

- Por que certamente você vai precisar mais do que qualquer um aqui. - o tom de voz dela mudou completamente ao pronunciar essa frase e Rohkeus sentiu o frio que emanava do saquinho de contas tomar todo o seu corpo, subindo pelo braço.

- Aliás, a partir de agora, não será mais Rohkeus Lintu-ni Vermelho.

- Não?! Serei o que então? - Agora foi o garoto quem sorriu, achando graça com a ideia da Anik de renomeá-lo.

- Você será Rohkeus Último Rugido. Considere esse um batizado dos espíritos. - ela ronronou o final - Ninguém vai rugir depois de você.

Rohkeus sentiu-se orgulhoso, mas não compreendeu muito bem por que a Anik conversava com ele daquela forma. Ele era apenas um aprendiz.

- Vamos garoto. Deixa a senhora em paz. Rohkeus Lintu-ni Vermelho é requisitado na cabeceira da caravana. Eu assumo em seu lugar. - Era Hagar Velho Lobo que se aproximava.

- Meu nome agora é Rohkeus Último Rugido, foi um batismo dos espíritos feito pela senhora. - disse Rohkeus para o Velho Lobo.

- Primeiro Rugido, Último Rugido... os espíritos podem te dar o nome que for, isso não muda nada. Vai lá pra frente e larga do pé da senhora, vai. - Velho Lobo manobrou seu taranhar e emparelhou com Rohkeus, dando-lhe um tapa no taranhar e instigando-o a caminhar mais rápido.

Rohkeus despediu-se de Julanzai e partiu rumo a dianteira da caravana.

- Que pena, eu estava me divertindo. - disse a Anik.

- Pare de se divertir com os moleques dando-lhes nomes empolgantes hein... Você inventou aquele nome, certo? - Hagar riu ao se aproximar de Jula.

Ele manteve a compostura, pois sabia quem ela era, mas já conhecia a garota mesmo antes que ela recebesse o toque dos espíritos. Sabia que Jula divertia-se de forma estranha e usava os mais novos pregando-os peças. Ela adentrou a tenda e fechou-a, claramente ignorando Hagar. Caminharam mais algum tempo em silêncio,

o que agradava muito ao Velho Lobo, até que Julanzai colocou a cabeça para fora da tenda:

- Não inventei nada. O Último Rugido será dele. - disse ela, e depois recolheu-se.

Hagar Velho Lobo passou a viajar com aquela informação incomodando sua consciência.

Um dia de caminhada depois a caravana presenciou um acontecimento simplesmente assustador: Estrelas caíram do céu bem sobre o monte onde ficava a tribo. Elas rasgaram o manto escuro de nuvens como cometas esverdeados e reluziram transformando trevas em luz. As árvores e os montes projetaram sombras alongadas enquanto a chuva luminosa seguia em direção ao solo. Oken anfalls desesperados apontavam para o céu e diziam contemplar o fim dos tempos. Alguns rezavam com fervor, outros simplesmente se fechavam em um silêncio fúnebre. A explosão foi tão grande que o som fez desaparecer o rugido do maior dos trovões. Depois de um flash intenso, como se o Sol tivesse caído na Terra, veio o estampido colossal e retumbante. O vento soprou o grupo com tanta força que alguns deles simplesmente caíram de suas montarias e o calor e a fumaça que se espalhou bateu com força tremenda contra o grupo, finalmente vedando totalmente a luz do sol.

Trevas era tudo que restava. As mulheres derramariam lágrimas de desespero se os mutantes pudessem chorar. Mas apenas lamentaram o acontecido. Aqueles que haviam ficado na montanha não existiam mais. De modo geral o grupo todo, principalmente Fuhén, perguntavam-se como seriam capaz de evitar o fim frente a uma força tão devastadora. Porém, ao contrário do que o grupo sentia, Fuhén estava determinado em conseguir e confiava na espada dos Drako. Ele acreditava nos espíritos. Sabia que o pequeno guerreiro humano já havia feito alguma coisa grande antes, e com a espada em mãos poderia fazer novamente.

- Começou. - Disse Julanzai, com seus olhos amarelos refletindo o fulgor da grande explosão que criava um cogumelo gigantesco no horizonte.

- *Eles vão matar a todos, até encontrarem Arthur e a Espada. Você precisa juntar os dois antes que seja tarde demais!* - Fuhén ouvia a voz de Ânã...

CAPÍTULO 6

"UM ENCONTRO"

A partir daquele momento a marcha foi triste e apreensiva. Para elevar os ânimos de todos Fuhlen discursou do alto de seu taranhar, imponente e altivo. Contou sobre a profecia e disse que haviam escapado da explosão pois os espíritos estavam guiando seu povo. Estava convicto de que mais estrelas cairiam, e sabia que agora, precisavam permanecer unidos. Levantou a espada chave e rugiu, forte como só ele conseguia, sem demonstrar fraqueza alguma. Até Rohkeus surpreendeu-se com a demonstração de força do grande líder e permitiu-se por um momento acreditar que realmente tinham alguma chance de sobreviver.

Por dentro Fuhlen estava pasmo com a intensidade do acontecimento. Seus olhos se estreitaram enquanto acompanhava o cogumelo de fumaça gigantesco criado pela grande explosão. Ele crescia repleto de fogo em direção ao céu. O líder dos Oken Anfall controlava sua montaria enquanto mantinha-se voltado para a montanha que havia um dia sido seu lar e lar de seu povo. Olhou o céu e assistiu as nuvens que mais lembravam um oceano negro. Atrás daquela cortina ele sabia que mais estrelas seguiam seu curso e ficou feliz em ter conseguido ler os sinais e acreditado em Julanzai. Agradecia principalmente Ânias que cada vez mais, de forma misteriosa o orientava em proteger a espada.

- Então você estava certo... - disse Rohkeus, aproximando-se sobre sua montaria. Estavam na cabeceira da caravana.

- Infelizmente - rebateu Fuhlen, enquanto seus olhos lutavam para enfrentar a neve esfarelada que soprava de onde a explosão havia acontecido. Ele abaixou os óculos vermelhos que protegiam seus olhos na época que o sol era perigoso, como se vestisse uma armadura completa, preparando-se para eventos futuros.

...

Rohkeus seguiu com Fuhlen na dianteira, escoltado por Karhen Chifre Gelado. Os três faziam a comissão de frente das três colunas que criavam a estrutura da caravana. Inúmeras vezes batedores vieram até eles os orientando sobre qual caminho seria melhor para a caravana seguir. Com base nas informações dos batedores Fuhlen tomava suas decisões. Ao fim de mais um dia de viagem um batedor aproximou-se rápido e saudou a cabeceira da caravana. Havia encontrado um acampamento gigantesco formado pelo povo do norte, era quase como uma pequena cidade ambulante e ficava claro que também estavam rumando para o sul. Levavam muita carga e tinham até gigantes de metal fazendo a segurança do local. O

batedor ainda informou que eles haviam encontrado resistência na fronteira do Quadrado Branco e a notícia trouxe um leve sorriso ao rosto de Fuhen.

- Eles não permitirão a entrada de forasteiros, não nessa quantidade. Não sem saber as intenções. Vão proteger sua terra e sua comida. - disse o Ian.

- E como vamos entrar? - Rohkeus perguntou.

- Não somos como eles. Não levamos nada pesado nem grande. Vamos tentar passar despercebidos pelas trilhas estreitas ao leste. Os soldados do Quadrado Branco vão estar bem ocupados barrando o caminho deles. - disse Karhen, com sua voz raspada enquanto encolhia-se sobe o manto com chifres.

Fuhen concordou. Principalmente pelo fato de compreender que não poderiam se demorar. Então, tomaram as providências e alertaram a caravana que deveriam marchar em silêncio durante o maior tempo possível, caminhando rumo ao sul através das trilhas estreitas que cortavam o terreno por entre montes arredondados ao leste. Quando marchavam com determinação durante uma madrugada mais uma explosão aconteceu. Mais uma vez o som cortante dos cometas caindo do céu terminou em um estampido apocalíptico que transformou a escuridão em dia por um instante. Dessa vez foi mais perto de muito mais perigoso. O baque foi tão grande que atirou alguns cavaleiros para fora de suas montarias e levou os animais a uma debandada desesperada. O caos instalou-se na caravana e foi preciso um tempo para que tudo voltasse ao normal, dentro do limite do possível para aquela situação. O ruído do vento e da explosão que aconteceu nos arredores foi tão grande e forte que os oken anfall gritavam uns com os outros para se fazerem ouvir. Tendas e carroças foram destruídas pela onda de choque. O grupo parou. Estavam todos pasmos com o acontecimento. Estavam aterrorizados como nunca estiveram antes. Era a ira dos deuses que se abatia sobre eles, como se o toda a criação fosse acabar.

Fuhen enfureceu-se por um momento, determinado em alcançar seu objetivo e levar a espada até Arthur. Primeiro praguejou contra os céus, indignado com o poder descomunal que atacava o mundo, depois gritou ordens e providências para que o grupo não se desmantelasse e percebeu que talvez não sobreviveriam a tempo de encontrar o líder do Quadrado Branco e entregá-lo a espada. A velocidade que estavam viajando não era suficiente, as explosões estavam cada vez mais perto. Ele desconhecia a forma como as estrelas cadentes se comportavam, mas estavam alcançando seu grupo.

- Rohkeus, Karhen, sigam até o local da explosão! Dessa vez foi perto. Vejam o que podem encontrar por lá e aprender sobre as estrelas. - Ordenou Fuhen - Mas não se demorem nem um minuto a mais do que o necessário. Vamos seguir sempre em direção ao sul. Vocês não terão dificuldade em nos encontrar.

Fuhen bateu de leve o ombro de Karhen e acenou com a cabeça, desejando-lhe boa sorte. Rohkeus rosou baixo em resposta, manobrando seu grande taranhar e seguindo atrás do Chifre de Gelo. Fuhen apontou para a própria cabeça com o

indicador enquanto Rohkeus o observava em despedida. "*Use a cabeça*", ele quis dizer. *Pense antes de agir*. Os grandes gatos partiram em disparada com seus cavaleiros abaixados em seus lombos como se fossem um só animal. Viajaram rápido, parando uma vez para permitir que seus animais descansassem um pouco. Para um taranhar, sua montaria era leve como uma pluma, pois o animal era forte e grande, correndo naturalmente com apenas um oken anfall em seu lombo. Os Taran eram bem treinados e sabiam facilitar o trabalho de sua montaria, então era como se estivessem voando pela neve.

Quando se aproximaram do local da catástrofe encontraram um cenário apocalíptico. Não havia mais neve. Próximo do local onde a explosão havia acontecido apenas barro cobria o chão. Árvores estavam deitadas e o terreno parecia mais plano do que costumava ser. Pedras haviam sido arrancadas e arremessadas a grandes distâncias, tornando tudo liso e sem falhas. Perto de onde teria sido o centro da explosão Karhen e Rohkeus encontraram um ambiente que dificilmente acreditariam caso alguém tentasse descrevê-lo.

- É o inferno? - Rohkeus perguntou, aterrorizado.

Estava quente ainda e o chão estava seco, sem neve nem barro. Uma camada fina e quebradiça forrava a terra por onde espalhavam-se aleatoriamente os restos de um acampamento. Não eram claramente identificáveis, mas Karhen, que era muito mais experiente que Rohkeus, reconhecia restos de espadas, armas, e até de SAMs por entre a planície que se desdobrava em uma cratera. A fumaça ainda os incomodava demais e cinzas caíam do céu, criando uma paisagem enevoada e densa que, junto do calor que emanava do chão e os envolvia, tornava o ambiente extremamente claustrofóbico. Era como se a paisagem tentasse esmagá-los.

- É o inferno garoto. Encontramos o inferno. - respondeu baixinho o velho Chifre Gelado.

Então, quando nada parecia poder piorar, Karhen inquietou-se e estreitou os olhos na direção de um amontoado de escombros. Levantou a mão em um sinal claro para Rohkeus de que deveriam fazer silêncio. Seus ouvidos de caçador experiente haviam detectado algum som estranho. Tentou sentir o cheiro, mas a fumaça e as cinzas atrapalhavam olfato e visão. Fez sinal para Rohkeus mais uma vez, mostrando as duas mãos e separando-as, depois manobrou seu gato para o oeste, sussurrando no ouvido o taranhar ordens de caça. Rohkeus percebeu a ordem de cerco e naturalmente manobrou seu gato no sentido contrário, apreensivo com o que Karhen havia encontrado. Os grandes gatos que lhes serviam de montaria pareciam tensos demais e desconfortáveis com o calor e a fumaça, assim como seus cavaleiros, mas obedeciam com disciplina perfeita. Karhen era um Taran, um dos melhores, e Rohkeus era aprendiz do líder dos Taran. Eles formavam a elite de sua tribo. Seja lá o que Chifre de Gelo tivesse encontrado, certamente não seria uma ameaça para os dois juntos.

O gato de Karhen passou a caminhar tão abaixado que permitiu ao seu cavaleiro desmontá-lo sem dificuldade alguma, de uma forma natural e fluída. Karhen sacou uma de suas lanças curtas que trazia na aljava em suas costas sem causar um ruído sequer, caminhando como um lobo feroz, manuseando a arma de haste curta com apenas uma mão enquanto que a outra lhe servia como apoio para se deslocar no ambiente turbulento. Trovões e o vento feroz por vezes lhe faziam duvidar de que havia de fato ouvido alguma coisa, mas seus sentidos experientes não poderiam se enganar dessa forma. O som que havia escutado não era vento nem trovão, era um ruído metálico. Movia-se como uma sombra predadora pela paisagem, tomando cuidado com cada passo, até recostar-se em um resto de SAM que havia sido completamente destruído pela explosão e escalá-lo habilidosamente para enxergar o outro lado. Lá estava, uma criatura estranha, como jamais havia visto antes, chafurdava o entulho buscando alguma coisa. Parecia não ter mãos nem pés, mas apenas quatro membros que ora usava como quadrúpede e hora como bípede, onde pontas de metal pareciam substituir mãos e pés. Estranhas pinças lhe ajudavam a manipular os artefatos que resumiam-se a espadas que ele separada, analisava e jogava fora as que não gostava. A criatura era enorme, feita de metal ou vestindo armadura. Tinha uma luminosidade que emanava do interior de sua carapaça de metal e lhe conferia um tom embaçado por entre a névoa. Sua cabeça era grande e alongada para trás, quase como um escudo, e suas costas traziam uma estrutura estranha em formato de botão de flor, composta por peças separadas que não apresentavam conexão física alguma com seu corpo, apesar de estar sempre fluuando junto dele, como se fosse uma parte integrante da criatura.

- Que diabos é isso?! - Karhen murmurou, atônito com a visão da criatura.

Ela movia-se de forma estranha, como se não se importa-se com o que estava ao seu redor. Esbarrava e derrubava pedaços do entulho, sempre procurando por entre os destroços da explosão.

De repente a criatura levantou a cabeça e mostrou ter vários olhos estreitos com um redondo ao centro. Agiu como se tivesse ouvido alguma coisa, colocou-se sobre os membros inferiores e ergueu-se, equilibrando-se perfeitamente. Era enorme, maior que um oken anfall, e parecia sólida e firme. Emitiu um som chiado que o Chifre de Gelo havia ouvido anteriormente, como se fosse uma serpente de aço. Ao se erguer sua luminosidade se intensificou, como se quisesse se exhibir. Karhen sabia que animais usavam diversas estratégias para espantar seus predadores, mas aquela criatura não estava olhando na sua direção. Era para Rohkeus que ela olhava. O garoto não havia conseguido passar despercebido.

- Maldição - grunhiu Karhen.

Foi então que um som zunido emanou da criatura e Karhen assistiu a luz se amplificando tanto que fez a peça em forma de botão de flor nas costas se abrir e deixar vazar a luz de uma estrela misturada com chamas de energia.

- As estrelas! - Karhen disse, pasmo, com os olhos arregalados.

Mas não teve muito tempo para se espantar. A estrela que estava a sua frente estendeu o braço e começou a disparar rajadas de energia de um poder avassalador. Lembrava muito as armas mais destruidoras dos SAMs, mas essa parecia feita de luz de estrela. O som era muito intenso, como o de uma língua de fogo tentando lamber seus ouvidos e deixava um rastro esverdeado e luminoso no ar. Cada disparo soava como um pequeno trovão. Karhen assustou-se com a força do disparo, mas recompôs-se ao perceber o grunhido de dor ecoando na distância. Então o velho Taran se ergueu sobre o escombros do SAM que usava de esconderijo e gritou na língua dos oken anfall:

- Agora é hora de caçar! - rugiu o velho Chifre Gelado.

A criatura virou-se em sua direção quase que imediatamente e encontrou a imagem de Karhen segurando sua lança, imponente sobre a pilha de metal retorcido que o SAM havia se tornado. O monstro sibilou alguma coisa, e apontou sua arma luminosa na direção do caçador. É claro que era exatamente isso que Karhen queria que ela fizesse. A criatura não sabia que um Taran nunca caça sem seu taranther, e ela era a presa desta caçada.

O gato gigante de Karhen tinha quase três metros de altura quando sobre as quatro patas. Era imenso, mas movia-se habilmente como um caçador perfeito. suas patas eram adaptadas para a caminhada sobre a neve e suas garras eram na verdade extensões ósseas esmaltadas e afiadas que não paravam de crescer. Estavam acostumados a destroçar árvores com os dentes para poli-los. Grandes gatos das neves eram caçadores gigantescos e eram considerados uma ameaça enorme até para grandes SAMs de batalha. O de Karhen ainda envergava uma máscara de metal que lhe protegia a parte superior do focinho e a testa, além de trazer rufas pintadas em azul ao longo de sua pelagem branca tigrada com cinza escuro. O gato enorme surgiu por entre a fumaça e projetou-se sobre a criatura antes mesmo que ela pudesse disparar sua arma. Sua grande pata dianteira golpeou o monstro com força, usando o peso de seu corpanzil sobre a criatura que caía. Arrancou-lhe um braço e esmagou-lhe o ombro. A criatura não teve tempo de se recobrar. Não satisfeito o taranther abocanhava o pescoço da criatura e agitou-o no ar como se não tivesse peso. Claro que o monstro não era uma presa usual e os dentes do grande gato escorregaram sobre a superfície de metal do inimigo, deixando escapar e arremessando-o para longe.

O monstro caiu rolando e quicando pela sujeira, mas logo se recompôs como se não sentisse dor alguma, apontou o braço que lhe restava para o taranther e disparou a rajada intensa de energia. Teria acertado, não fosse a espada larga de Rohkeus rachar-lhe o crânio de metal uma fração de segundo antes.

A estrela havia caído perto de onde Rohkeus Último Rugido se escondia e, ao perceber que ela não havia notado sua presença, o pupilo de Fuhem aproximou-se leve como um gato e golpeou junto de um rugido, usando sua espada larga. Foi um golpe certo, abrindo a carapaça de metal na testa da criatura em duas partes. Ela

tombou contra o chão seco e quebradiço gritando como um animal moribundo. Rohkeus saltou sobre seu corpo grande e metálico, enfrentou o brilho estelar que emanava da criatura e cravou-lhe a espada no centro do pescoço, torceu a lâmina para abrir a ferida, e cortou para lateral, quase arrancando-lhe a cabeça. A luz que a estrela emanava apagou-se imediatamente. Homem algum conseguiria aquela proeza, apenas os músculos de um oken anfall conseguiriam partir o metal daquela forma. O próprio Rohkeus estava atordoado com o esforço necessário para ferir o monstro.

- Está morto? - perguntou Karhen, aproximando-se e cutucando-o com a lança.

- Tem que estar. Veja o estrago que fizemos nele. - respondeu Rohkeus, apontando o metal esmagado e as marcas de garras e dentes do taranthar - Praticamente arranquei-lhe a cabeça. E foi difícil viu... - suspirou o jovem, visivelmente assustado com a natureza da criatura.

- Achei que ele tivesse lhe acertado. - grunhiu Karhen Chifre de Gelo, irritado com a criatura.

- Acertou meu taranthar. Ele morreu na hora. Arma muito poderosa essa que ele usa. - disse Rohkeus, se abaixando para olhar mais de perto enquanto usava a espada larga como apoio.

- Luz de estrela é poderosa. - disse Karhen - Viu a estrela em suas costas?

- Vi sim... Difícil de olhar. Difícil de matar. O que acha que é? - Rohkeus perguntou, passando o dedo pelo metal.

- A Anik poderá nos falar mais sobre esse ser das estrelas se o levarmos conosco. - disse Karhen -Vamos colocá-lo no gato.

Os dois pegaram a criatura e arrastaram para amarrá-la ao lombo do taranthar.

- Vamos sair logo desse campo de morte. Cheira a morte em cada canto. - disse Karhen enquanto trabalhavam nas amarras.

- Tem razão. Também não me sinto bem aqui. - resmungou Rohkeus.

- Aliás, muito bem garoto. Saiu-se muito bem. - disse Karhen.

- Obrigado, Chifre de Gelo. - respondeu Rohkeus.

- Estou falando com o taranthar, rapaz. - Karhen grunhiu e exibiu um leve sorriso.

CAPÍTULO 7

"SEPARAÇÃO"

Karhen julgou que seria mais sensato convocar Fuhén e a Anik Jula para verem a criatura abatida em um local separado da caravana para evitar um pânico ainda maior do grupo. Talvez depois que Ian e Anik avaliassem o monstro eles pudessem abrir a situação para o resto da caravana, mas no momento, como não sabiam nada a respeito preferiram manter em segredo. Hagar ficou encarregado de manter a caravana em viagem enquanto Fuhén, Jula, Rohkeus e Karhen se reuniram em uma pequena gruta mais ao sul.

Sob a luz de uma fogueira providenciada por Rohkeus, os quatro observavam as formas metálicas da criatura. Jula fez alguns rituais com as cinzas da fogueira e pediu que os três guerreiros se afastassem um pouco enquanto ela fazia a invocação dos espíritos. Tinham a esperança de que os espíritos pudessem ajuda-los a entender a criatura. Jula vestia seu manto branco e desenhava runas na criatura usando seu próprio sangue e as cinzas da fogueira sobre o corpo de metal do monstro e começou a falar na língua dos espíritos ancestrais, murmurando palavras que nenhum dos guerreiros podia entender. No chão, ao redor do corpo de metal, ela desenhava símbolos com o próprio dedo sobre a terra, elevando o tom de sua voz.

"O que é essa estrela? O que ela quer?" Dizia Jula repetidamente. Subitamente a chama da fogueira se apagou. Não havia vento algum.

Rohkeus recuou um passo, assustado com o ritual, mas Fuhén segurou-o pelo braço com firmeza para que ele não deixasse o local.

- Ele quer devorar toda a luz! Quer extinguir a chama de todos e tomar toda luz que temos! - disse Jula, observando a fogueira apagada. Fora um sopro dos espíritos.

- Ele quer acabar com a chama do dragão. - disse ela mais uma vez.

Fuhén voltou seus olhos para a espada chave que trazia enrolada em um manto de pelo de urso.

- Eles vão conseguir? - Karhen perguntou.

- NÃO! - Jula gritou a resposta. Na mesma hora a fogueira voltou a arder iluminando o rosto e os olhos brilhantes de cada um deles.

- Não podem conseguir acabar com a luz de nosso mundo! - repetiu a Anik, com uma expressão de dor em seu rosto.

- Não conseguirão se levarmos essa espada até o guerreiro dragão. - disse Fuhen.

- O tempo é nosso inimigo. O mundo ao nosso redor volta-se contra nós. - disse a Anik, deixando seus dedos delicados correrem sobre a carapaça de metal da criatura - O que as estrelas querem vai além de destruir nosso mundo. Querem devorar toda a luz que existe nele.

Rohkeus não disse uma só palavra, impressionado demais com tudo que havia presenciado. O jovem percebeu os olhos da Anik cintilando em sua direção no momento em que ela terminou a frase. Ele sabia que ela enxergava além do que os oken anfalls normais podiam ver e sempre que trocavam olhares ele podia ver e sentir uma fagulha diferente nos olhos da bela Anik.

Por fim, Fuhen pediu que Karhen e Rohkeus esperassem do lado de fora, pois queria conversar em particular com a Anik. Era a conferência dos líderes espirituais da tribo, onde decidiriam o futuro do povo. Tanto Rohkeus quanto Karhen sabiam qual era o principal problema a enfrentarem. As explosões estavam claramente seguindo seu povo e se aproximando cada vez mais. As estrelas atacavam cada povoado das imediações, sempre seguindo o rastro da caravana oken anfall. Para aqueles que não conseguiam ler os sinais era fácil não perceber isso, mas para os Taran, acostumados a perceber rastros, era claro que as estrelas estavam tentando encontrar alguma coisa e determinar sua localização exata. Era a espada Drako.

Quando Fuhen e Julia deixaram o interior da caverna encontraram Karhen e Rohkeus em posição de sentinela, encolhidos sobre seus gatos. Fuhen trazia duas placas de metal que havia arrancado do peito da criatura, arremessando uma para Rohkeus.

- Prenda no braço esquerdo e use como escudo. - disse ele rispidamente.

Julia apenas desfilou até sua montaria, deixando seu manto longo arrastar-se pela neve. Movia-se com a graça de uma gata e montou seu taranhar sem esforço algum, como se pudesse flutuar para cima do animal parrudo. Sua expressão, porém, era de tristeza. A conversa com Fuhen obviamente não havia sido boa.

- E agora? - finalmente Rohkeus perguntou, ao perceber que o velho Chifre de Gelo não diria nada.

Fuhen apertou as fivelas da sela de seu taranhar e pegou algumas bolsas da montaria de Julia, colocando com competência e prendendo nas fivelas da sela de seu próprio taranhar.

- Vamos viajar mais rápido se nos separarmos. - Fuhen disse, friamente - Julia e Karhen vão retornar ao nosso povo.

Apenas a voz de Fuhen e o vento podia ser ouvido, mesmo quando o líder dos Taran parava de falar para concentrar-se na tarefa de prender as bolsas os demais

aguardavam em silêncio. Ao terminar ele caminhou até Karhen, tocando a testa do taranhar que pertencia a Chifre de Gelo, fazendo a criatura se abaixar delicadamente até que pudesse conversar com o Taran.

- Eu e Rohkeus vamos seguir viagem. Você, velho amigo, agora é o Ian, líder dos Taran. Eu passo a você o responsabilidade de orientar nosso povo de mantê-lo vivo e não o faria se não julgasse tão importante a tarefa de encontrar o líder do Quadrado Branco. - Fuhlen disse alto para que todos ouvissem.

De certa forma era uma despedida.

- Tem certeza do que está fazendo? - Karhen perguntou, apesar de em sua perspicácia, compreender a razão que havia levado seu líder a tomar tal decisão.

- Tenho certeza. Você é o mais experiente dos Taran e tem o apoio de Hagar, além disso é o melhor rastreador do bando, sabe conduzir nosso pessoal por caminhos seguros. A Anik vai ficar com vocês, como deveria ser. - Terminou Fuhlen.

- Não posso me separar de nosso povo, mas garanto que os espíritos estarão sempre olhando por vocês. - Ela disse, mais uma vez olhando fixamente para Rohkeus.

Não foi uma despedida fácil para nenhuma das partes. Rohkeus gostaria de ter agradecido muitos de seus companheiros de caça, mas percebeu que não teria essa oportunidade.

- Mantenham todos bem para quando retornarmos. - disse Rohkeus, tentando melhorar os ânimos.

Tanto Fuhlen, quanto Karhen e Julia sabiam que as estrelas caçariam a espada cada vez com maior intensidade. Se cumprissem a missão, talvez teriam alguma chance de se verem novamente. Uma coisa parecia certa, ao levar a espada para longe de seu povo Fuhlen o manteria em segurança por mais tempo.

- Que os espíritos guiem nossas decisões nesses novos caminhos que vamos trilhar. - disse Karhen.

- Saúdam o novo Ian! - disse Fuhlen, afastando-se e curvando-se, levando Rohkeus e Julia a acompanharem o gesto.

- Jamais curve-se a mim novamente - Karhen grunhiu para Fuhlen - mas fique tranquilo, não pretendo deixar que as estrelas nos encontrem.

Fuhlen sorriu brevemente e saltou para sobre seu taranhar, manipulando as rédeas e levantando um braço em adeus para seus colegas enquanto instigava sua montaria a correr pela neve o mais rápido que pudesse. Rohkeus o acompanhou, ligeiro e obediente, seguindo seu líder e tutor para a missão mais importante que já

havia recebido. Talvez a missão mais importante que alguém desde mundo pudesse realizar.

A Anik e o novo Ian permaneceram observando seus companheiros se afastarem em direção a escuridão da noite até perderem-se no horizonte. Não foi fácil aceitar a decisão.

- Eles estão se sacrificando, não é mesmo? - disse Karhen, mais uma vez usando sua perspicácia para enxergar além do que qualquer outro Taran conseguiria ver. Ele havia deduzido o assunto tratado por Fuhlen e Jula na caverna.

Por um tempo permaneceram quietos, sentindo o vento e olhando as nuvens dançarem, até Jula manifestar-se.

- Eles estão nos salvando. - disse ela, com seus olhos faiscantes ainda fitando o horizonte.

...

Fuhlen e Rohkeus seguiram em alta velocidade, pois sabiam que precisavam compensar o tempo perdido. Fuhlen, em particular, sabia que se o inimigo percebesse o movimento da espada, talvez deixasse seu povo em paz e passasse a seguir o novo rastro que deixavam para trás. A Anik havia dito que as estrelas podiam sentir a luz da espada e que tentavam desesperadamente encontrá-la. Se a encontrassem o mundo estaria condenado, pois os espíritos ancestrais não teriam mais forças para ajudar os oken anfall. Precisavam correr.

Correram como o vento soprava de sobre os picos gelados e guiaram seus taranthars com agilidade pelos estreitos entre as colinas brancas. Eram como animais camuflados na paisagem, difícil de serem vistos de longe, mas não podiam se dar ao luxo de seguir lentamente. A velocidade poderia chamar a atenção dos guardiões do Quadrado Branco, mesmo assim era um risco que precisavam correr.

- O senhor sabe para onde estamos indo? - Rohkeus perguntou enquanto corriam velozes pela neve.

- Sei! Monte Cristo! A cidade branca do gigante de braços abertos. Ele estará lá. - disse Fuhlen, confiante.

Durante o percurso que fizeram rumo ao sul assistiram o céu tornando-se negro, completamente encoberto pelas nuvens densas e tempestuosas. Viram o vento tornar-se cada vez mais violento e relâmpagos dançarem de uma nuvem para outra, por vezes açoitando o chão como um chicote de luz azul. Os estrondos criados pelos trovões apenas intensificavam o ambiente de tormenta que se formava sobre o mundo. Escutaram sons arrepiantes de batalha em um dos dias de viagem, com sons de canhões e explosões diversas acontecendo por um breve momento vindos de muito longe. Suspeitaram que estavam se aproximando da fronteira norte do Quadrado Branco e que os sons fossem frutos de um embate entre o povo do norte

e as defesas do Quadrado Branco. Mais tarde puderam ouvir outra explosão, desta vez mais ao oeste. Puderam ver o cogumelo criado pelas estrelas cadentes crescendo e a onda de impacto deitando árvores e varrendo a neve. Era como se o próprio mundo explodisse, como uma força da natureza de tão intenso.

- Veja! - Rohkeus apontou para o céu, onde um nave seguia em direção a explosão.

- Eles estão enfrentando as estrelas do jeito que podem. - disse Fuhén, enquanto assistiam SAVOE que tornava-se pequeno perto do cogumelo imenso que a explosão criava. Não sabiam que a nave levava os Sigurds rumo ao seu primeiro encontro com o inimigo, então seguiram pelo seu caminho.

- Eles não sabem que sem esta espada não poderão vencer. - disse Fuhén, acariciando o embrulho em seu colo.

Tudo que podiam fazer era assistir a nave diminuir rumo ao ponto da explosão.

CAPÍTULO 8

"CAÇADORES CAÇADOS"

Fuhen e Rohkeus viajaram o mais rápido que puderam. Era um longo caminho até Monte Cristo, e Fuhen sabia que se encontrassem patrulhas de Glad ou de outras cidades ao longo de sua rota poderiam ter problemas. Estranhamente não viam nem sinais dos postos de guarda. Conforme os dias passavam e seus gatos cobriam a distância de forma silenciosa e discreta os sons retumbantes das explosões os acompanhavam como um lembrete sinistro do destino que os aguardava. As estrelas continuavam tentando rastrear a espada, atacando cada povoado por onde Fuhen e Rohkeus pudessem ter passado. Um dia, enquanto viajavam sob o manto de nuvens trovejantes, encontraram uma pilha de destroços no chão. Ainda estava em chamas. Resumia-se a um amontoado de metal que havia deixado um rastro no chão mas outrora havia sido um SAVOE cortando o ar.

- O que é isso? - Rohkeus perguntou intrigado enquanto rodeava os escombros sobre seu taranhar.

- É uma nave. - disse Fuhen, olhando para o céu - Eles conseguem voar usando essa máquina. - completou ele.

- Pelo jeito não conseguem mais. - observou Rohkeus, compreendendo que havia sido uma queda de grande altitude.

- O céu está violento demais para conseguirem voar. - disse Fuhen.

Alguns corpos estavam espalhados pelo chão ao longo do rastro deixado pela queda do SAVOE. Três deles completamente destruídos e apenas um intacto. Concluíram que este último havia morrido graças a ferimentos internos. Na fuselagem da nave o símbolo da cidade de Glad estava gravado, visível por entre a fumaça e as faíscas dos curto circuitos.

Não se permitiram demorar por demais. Logo compreenderam que estavam no Quadrado Branco, mas que as forças de guarda pareciam ocupadas demais com outros assuntos que não a proteção de suas fronteiras. Talvez as estrelas cadentes estivessem dando trabalho demais para o povo de Arthur. De qualquer forma decidiram que seria melhor seguir para o centro do Quadrado Branco, passando distante das maiores cidades, como Glad e Leholt, seguiriam na direção de Parda, um pequeno vilarejo que já haviam usado para conseguirem comida a tempos atrás. Fuhen acreditava que se mantivessem distância das grandes bases do Quadrado Branco teriam mais chances de alcançar a cidade de Monte Cristo.

Sempre que se deitavam para descansar, mesmo que por pouco tempo, olhavam em direção aos céus imaginando as estrelas se movendo lá no alto por trás das nuvens de tempestade e imaginavam que estavam olhando em direção ao chão, buscando o rastro da espada chave. As vezes a imagem das línguas de fogo descendo do céu de encontro ao chão vinha na cabeça de Rohkeus e lhe trazia medo, tristeza e fúria. Lembrava-se da montanha onde havia crescido explodindo e sentia pesar por aqueles que recusaram-se a seguirem o Ian e a Anik.

- É a primeira vez que não sigo o Ian e a Anik. - comentou ele, deitado ao lado de seu grande gato enquanto descansavam, recostados em um barrando rochoso.

Fuhen compreendeu o comentário de seu aprendiz. Não era comum um oken anfall se afastar do Ian e da Anik. Era como se afastar dos espíritos ancestrais. Era a mesma coisa que renegar seu passado sua história e os oken anfalls acreditavam que aquele que não tem passado, também não tem futuro.

- Eu entendo que a Anik nos abençoou, e que você entregou a posição de Ian para Karhen, mas não compreendo por que os ancestrais guardaram para mim esse destino, essa missão. - disse ele, observando nuvens de vapor deixarem seus lábios a cada palavra.

- Algumas coisas simplesmente seguem ao nosso encontro e precisamos lidar com isso. O destino que os ancestrais nos guardam não é maior do que aquele que podemos construir. Você compreende qual caminho é melhor a seguir? Qual escolha seria a mais correta? - Fuhen observou.

- Entendo. O mais correto seria salvar nosso povo - disse Rohkeus - Eu entendo que como seu discípulo é meu papel estar ao seu lado. Esse é o destino que quero construir para minha vida. - completou ele, ainda com os olhos no céu.

- A mais de vinte anos atrás eu jurei matar o homem que havia matado meu filho. Alguns ano atrás eu o perdoei... Deixei que ele vivesse. O que acha de minha decisão? - perguntou Fuhen.

- Você quebrou uma promessa feita ao seu filho, não sei se isso é correto, mas acho que alguma coisa dentro de ti lhe fez acreditar que seria melhor deixar que o homem vivesse. - observou Rohkeus.

- Acredite se quiser, mas esse homem é agora nossa única esperança. É dele a espada que carrego e cabe a ele parar as estrelas cadentes. - disse Fuhen, deitado e abraçado ao embrulho da espada.

Ficaram em silêncio por algum tempo, observando as nuvens em movimento e ouvindo o vento sussurrante. As vezes ouviam explosões vindas de muito longe e se perguntavam quão distante as estrelas estavam caindo.

- Não faço ideia de como vamos conseguir encontrar o Imortal, mas as vezes me pergunto como os ancestrais conseguem nos guiar com tanta sabedoria. Eu sabia que era errado matar Arthur, mas não imaginava qual seria o papel dele em nosso futuro. A garota branca as vezes fala comigo, como nossos ancestrais. Ela pediu pela vida de Arthur e disse que ele era mais importante que o cumprimento de uma promessa. Acho que ela sabia a respeito das estrelas. Acho que ela fala conosco em nome dos espíritos ancestrais. - Terminou Fuhén.

Rohkeus compreendeu que seria importante demais o papel de Arthur, talvez de uma importância tão grande que os espíritos orientaram Fuhén a quebrar uma promessa para que a morte não levasse Arthur antes do momento do cumprimento de seu destino.

- Entendo. - Respondeu Rohkeus.

De repente sentiram uma vibração no chão, como se alguma coisa gigantesca estivesse caminhando próximo de onde descansavam. Ambos levantaram-se imediatamente e esgueiraram-se para o topo da encosta que usavam como proteção. O som trovejante era constante, como se uma infinidade de passos gigantescos estivessem acontecendo em sucessão. Quando chegaram ao topo da encosta e vislumbraram a planície ficaram até sem fôlego ao contemplarem a paisagem belicosa a sua frente. Exércitos marchavam na planície em uma formação aberta e diferente onde máquinas gigantescas e canhões imensos pareciam apontar na mesma direção. Estandartes ao vento e a fumaça das máquinas se misturavam no ar. Soldados marchavam em linhas disciplinadas ao longo do plano branco.

- O que está acontecendo? - perguntou Rohkeus, atônito com a quantidade incontável de máquinas de guerra espalhadas pelo campo - Para onde estão indo?

Fuhén olhou mais a frente e vislumbrou o lago de Parda na distância, com uma pequena mancha escura criada pelas edificações da pequena cidade ao lado.

- Eles estão seguindo para Parda. - disse Fuhén, sem saber o que estava acontecendo.

Então, enquanto observavam o deslocamento das tropas ouviram o som rasgado das estrelas caindo do céu. Uma após a outra elas vararam as nuvens densas e juntas projetaram-se contra a cidade de Parda. Uma chuva enorme de estrelas cadentes explodindo contra o chão. Dessa vez Fuhén e Rohkeus estavam muito próximos do impacto e caíram para trás, assustados com o som e com a onda de choque. Puderam ver o vento destruidor passando por entre as máquinas de guerra que aguardavam na planície de Parda, resistindo o impacto da onda de choque conforme o cogumelo gigantesco crescia no horizonte, obliterando completamente a pequena cidade.

De repente os grandes canhões dispostos não muito distantes da colina onde se encontravam os mutantes começaram a disparar, todos ao mesmo tempo.

Incontáveis disparos que seguiram deixando um suave rastro de fumaça até onde o cogumelo da explosão se expandia. Cada disparo criava uma nova e pequena onda de choque, formando desenhos circulares na neve ao redor de cada canhão.

- Que diabos! Eles estão atacando as estrelas! - Rohkeus disse, estupefato.

Depois dos disparos dos canhões, máquinas menores e mais velozes seguiram em velocidade grande para dentro da área da explosão em um ataque feroz.

- Estão lutando com tudo que eles tem! - Fuhlen exclamou, aterrorizado com o potencial de destruição que presenciava - Não vai restar muita coisa de nosso mundo se não encontrarmos o Imortal logo.

O som da batalha continuou de forma frenética com explosões e o ruído agudo do impacto entre as máquinas e as estrelas devoradoras de luz. Para Fuhlen e Rohkeus era como assistir o início do fim do mundo que conheciam. A cada nova explosão e grito de soldado que ecoava eles percebiam que as estrelas não tardariam em encontra-los. E quando isso acontecesse eles não teriam um exército de máquinas ao seu lado, então apenas Arthur poderia ajudá-los.

- Deixem-nos com sua batalha inútil. Talvez consigam pelo menos nos render algum tempo! Se as estrelas já estão aqui é por que estão nos seguindo cara vez mais de perto. Provavelmente acharam que estávamos na pequena cidade. Vamos embora antes que percebam que estamos tão próximos! - disse Fuhlen.

Desceram a encosta rapidamente e montaram seus taranthars, afastando-se em direção ao leste, rumando para as montanhas. Ainda tinham um caminho muito longo pela frente até Monte Cristo, mas nesta etapa da viagem não poderiam mais se preocupar em passar despercebidos. A pressa havia aumentado ainda mais.

CAPÍTULO 9

"MONTE CRISTO"

Fuhen e Rohkeus montaram seus gatos gigantes em direção às montanhas deixando o som retumbante da batalha para trás. A conclusão daquela luta não os interessava, pois estavam convictos de que apenas a espada estando nas mãos de Arthur novamente poderia impedir as estrelas de destruir o mundo que conheciam. Claro que eles não sabiam que Arthur era o homem mais importante presente na batalha que acontecia em Parda, muito menos que ele sobreviveria por muito pouco. Talvez pelo fato de os devoradores de luz estarem mais uma vez prestando atenção na mudança de direção que o rastro da espada havia deixado, ou talvez por simples capricho do destino. Fato é que, se Arthur di Drako não tivesse entregado a espada chave como um presente ao velho mutante, provavelmente teria morrido em Parda, pois as criaturas seriam implacáveis em seu objetivo de destruir a lâmina sagrada.

Claro que Fuhen acreditava que o Imortal estaria esperando em Monte Cristo, então, junto com seu pupilo, seguiu naquela direção em uma jornada que acreditava ser a mais importante de sua vida. Era engraçado pensar nas maquinações do destino que haviam levado ao encontro de Arthur e de Fuhen, e nas peças que haviam se encaixado para que Arthur e Fuhen pudessem se tornar, não amigos, mas sim respeitosos um com o outro. A jornada pelo Quadrado Branco fez Fuhen compreender o papel especial que seu filho havia tido na história do mundo. Ao enfrentar Arthur di Drako, Feihen havia criado um vínculo mais forte do que nunca entre Arthur e Fuhen. Uma conexão alimentada por um juramento que seguiria-se de um perdão, que só então resultaria no presente que Fuhen carregava em suas costas: a espada chave.

Muito tempo se passou desde que haviam avistado o grande exército em combate. Foi uma dura semana de viagem, onde começaram a racionar o alimento e passaram a aproveitar oportunidades de caça sempre que tinham uma, mesmo que fossem raras. Conseguiram matar um coelho selvagem, também enviaram um dos grandes gatos que lhes trouxe um pequeno espeotho, que lhe serviu como refeição por mais alguns dias a fio. Manter os taranthars fortes era ainda mais importante, pois tanto Fuhen quanto Rohkeus sabiam que sem eles sua causa estaria praticamente perdida.

Finalmente chegaram até as montanhas e, enfrentando o vento da tormenta e o frio intenso subiram por trilhas estreitas e ladeadas por árvores e florestas ao longo das encostas escuras. Eram os montes de Monte Cristo.

- Agora falta pouco. Agente Rohkeus. - disse Fuhen, com marcas de gelo em sua barba e a fome açoitando seu estômago.

- Eu estou bem! O quanto antes terminarmos isso melhor. - afirmou Rohkeus.

Subiram pela trilha estreita sempre confiando no instinto de suas montarias, observando a floresta por baixo, entre os troncos que estendiam-se pelas encostas por onde espalhava-se uma escuridão sinistra. A floresta estava silenciosa, como se todo o local estivesse entristecido. Rohkeus percebeu que a neve que pairava no ar vinha misturada com alguma coisa coisa... fuligem talvez. As copas das árvores jaziam inclinadas todas para a mesma direção e seus troncos pareciam envergados. Em alguns trechos haviam poças de lama que escorriam pelos barrancos criando valas de enxurradas negras. Ao chegarem ao topo de uma das encostas perceberam que não haviam mais árvores ali apenas troncos caídos e queimados.

- Pelos ancestrais guerreiros! Não pode ser! - disse Fuhen, atordoado com a paisagem desoladora.

Monte Cristo estendia-se pelos vales de montanhas e florestas como uma pérola branca entre o verde da mata. Mas o que encontraram no lugar da cidade de paisagem idílica foi um amontoado de escombros ladeado pela mata queimada e ainda em chamas. Onde haviam pontes brancas e torres de aço e vidro agora viam apenas arames de metal retorcidos na distância. Onde haviam galpões e casas, viam apenas os alicerces cravados no chão de cinzas e as ruas haviam se transformado em rastros de escombros. Os postes de iluminação estavam deitados e disformes e a mata das encostas que se voltavam para Monte Cristo estava negra e queimada, com uma infinidade de troncos derrubados exibindo suas raízes enormes. O apocalipse parecia ter alcançado a cidade de Monte Cristo antes de Fuhen e Rohkeus.

- E agora senhor?! E agora? Acha que o dono da espada estava aí? O que vamos fazer? - Rohkeus perguntou, desesperado - Essa era Monte Cristo não era?

Fuhen voltou os olhos em direção ao monte onde a estátua do gigante de braços abertos costumava ficar sempre vigiando Monte Cristo, mas não encontrou nada além do vazio deixado por colunas de fumaça que levantavam-se da cidade abaixo. A estátua não se encontrava mais lá, certamente arrancada pela explosão. As estrelas devoradoras de luz também queriam Arthur morto, claro. Atacam Monte Cristo sem piedade.

O velho oken anfall buscou calma dentro de seu espírito e fechou os olhos por um momento. Respirou fundo, sentindo o ar frio inflar seus pulmões enquanto neve e cinzas pousavam sobre sua roupa. Permaneceu de olhos fechados apenas ouvindo o vento e o vazio silêncio da destruição. O cheiro de queimado inundou suas narinas e seu corpo sentiu o balanço inquieto de sua montaria na presença da obliteração completa de uma nação.

No escuro de seus olhos fechados Ânía apareceu a sua frente.

...

Ânia caminhou na direção de Fuhén, sempre com sua expressão meiga e afetuosa. Vestia um belo manto feito com pele de taranthar das montanhas do oeste, de cor ruiva, rajada de cinza. O colarinho era adornado com penas brancas e seu corpo cobria-se com um vestido feito de tecido leve e solto, preto como o céu da noite, e cintilante como as estrelas do firmamento. Os olhos róseos o fitaram diretamente conforme ela se aproximava, deixando parte da capa do manto se levantar com o vento. A mão de Ânia tocou o focinho enorme do gigantesco taranthar que lhe servia de montaria, fazendo com que o grande felino se prostrasse delicadamente no chão.

- Você mais uma vez vem em meu auxílio. - disse Ânia, exibindo seu sorriso delicado.

- Eu estou desesperado. O mundo ao nosso redor transforma-se em cinzas e não vejo como posso cumprir minha missão! - disse Fuhén, obviamente exausto e faminto, desceu de sua montaria e se abaixou para conversar com a garota de igual altura.

- Era para ser assim. - a expressão de Ânia tornou-se triste - infelizmente. Existe uma guerra acontecendo, muito maior do que nós podemos imaginar. Essas criaturas devoradoras de luz são soldados enviados para o apocalipse.

- Posso lhe fazer uma pergunta? - Fuhén não esperou a resposta, pois estava ansioso demais - Por que se foi? Por que deixou o líder deste povo sozinho?

Ela olhou para os céus e o gesto acompanhou um suspiro:

- Foi a força e a vontade dele que uniu nós três. Foi a vontade dele que me levou a atravessar a porta. Se eu não tivesse atravessado ele não estaria aqui. E sem ele aqui não teríamos chance alguma nesta batalha. Se eu não tivesse partido os espíritos e os deuses não conseguiriam mais alcançar você, muito menos Arthur. Percebe como tudo está ligado? - Ela acariciou a orelha do taranthar.

- Agora percebo. Você tem guiado os espíritos até nós. Você tem nos trazido sonhos e visões. - Fuhén compreendeu como Ânia estava ajudando as criaturas sagradas.

Ânia recordava-se do dia que atravessou a fenda. Lembrava-se das palavras

- Mais do que tudo, precisamos ajudar Arthur, e não podemos deixar que a espada caia nas mãos do inimigo. Acredite em mim, Arthur está tão perdido quanto você.- enfatizou a garota branca.

Ânia olhou a cidade destruída ao redor e lamentou. Tamanha beleza e o empenho de mais de vinte anos de um povo inteiro destruído em instantes.

- A Anik disse que você estaria comigo. Ela disse que o dragão deveria voltar para o ninho. Disse também que o dono da espada deveria viajar novamente. -

Fuhen comentou, debruçando-se em uma rocha ao lado de Ânía para contemplar a paisagem.

- Ela tem razão. Os seus espíritos são sábios. A destruição tem apenas uma razão neste mundo, e você sabe qual é... - Ânía comentou, fitando os olhos felinos do velho oken anfall.

- Toda destruição é uma oportunidade para um novo começo. - disse o velho líder de caça. Essa era uma tradição dos selvagens, principalmente no que dizia respeito à caça e ao abatimento da presa. A morte do animal caçado era sempre uma oportunidade de vida para aqueles que ficavam.

- Precisamos garantir que o novo começo seja bom e verdadeiro. Não podemos impedir essa destruição, as estrelas são implacáveis, mas a mudança não precisa ser para pior. A primeira alvorada não foi em vão. - Ânía estendeu a mão para os escombros de Monte Cristo, mostrando a tragédia - Quando parti deste mundo eu sabia que precisaria voltar a falar com vocês. Eu sabia que tudo isso aconteceria um dia e meu papel seria orientar vocês. Não é fácil estar aqui agora, e ficar tão longe deste lugar e de Arthur, mas é necessário. Foi minha parte do acordo com os espíritos. Alguém precisava fazer esse papel.

- Compreendo, senhora. - disse o velho mutante - Você partiu para que os espíritos a usassem, para nos guiar nos trilhos corretos do destino.

- Você acredita nisso, mas Arthur está perdido. Ele precisa voltar a acreditar nele mesmo. A acreditar que podemos vencer. O dragão precisa retornar ao ninho para que algo novo e bom venha a nascer novamente. - Ânía retirou o capuz e deixou os cabelos brancos soltos no vento, misturando-se com a neve e as cinzas que desciam do alto.

- Então estou pronto para seguir nos trilhos corretos, senhora. Se Arthur ainda estiver vivo, e anik me disse que ele estaria, onde posso encontrá-lo? Esse mundo é grande demais! - disse Fuhen, bufando fumaça.

- Você sabe onde encontrá-lo, Fuhen. Você sabe onde eu, você e Arthur realmente nos conhecemos. - Ânía sorriu mais uma vez.

O local onde Fuhen finalmente admirou a honra e a coragem do jovem Arthur. O local onde ele havia jurado matar aquele que havia lhe tirado seu único filho.

- O túmulo de Feihen... - disse Fuhen, olhando na direção do túmulo de seu falecido filho.

Quando Fuhen voltou seus olhos de volta para Ânía não a encontrou. Apenas a paisagem desoladora das ruínas de Monte Cristo, os montes e Rohkeus com sua montaria encontravam-se naquele local. Fuhen suspirou com determinação

e observou o terreno e o céu escuro. A noite vinha próxima e o frio era cada vez mais cruel.

- Falou com os espíritos? - Rohkeus perguntou.

- Falei. - Confirmou ele, decidido.

- Falou com a garota branca não foi? - Rohkeus havia escutado cada frase de Fuhén.

- Você viu a garota? - Fuhén perguntou.

- Não, senhor. Mas ouvi tudo que você disse. - Rohkeus confessou.

- Tudo bem. Os espíritos sempre estiveram conosco. - Fuhén sorriu.

Rohkeus sorriu em retorno, acenando positivamente com a cabeça, mais aliviado agora.

- Estávamos certos o tempo todo. Vamos encontrar o Imortal. - Disse Fuhén, montando em seu taranthar.

- Senhor! - Rohkeus gritou, assustado enquanto apontava para o céu.

Pontos luminosos cortaram as nuvens e seguiram em direção às montanhas, deixando os conhecidos rastros esverdeados no firmamento.

Os taranthas se agitaram sob seus senhores enquanto as nuvens se revolviam com a chuva luminosa que trazia o ruído cortante do ar se abrindo.

- Eles estão vindo para nós desta vez! Não temos tempo! - Disse Fuhén, arremessando a espada embrulhada para Rohkeus.

O pupilo agarrou-a por instinto, mas não entendeu por que deveria carregá-la.

- Siga para a segunda montanha ao leste! - Fuhén apontou na direção - Procure uma espada oken anfall cravada no chão de sua encosta, próxima a uma clareira. Encontre o Imortal lá e o diga para acreditar! Fale para ele usar a espada e mudar o mundo novamente! Diga que eu a guardei todos esses anos para que ele pudesse usá-la. Fale que Ânía me pediu para entregar-lhe a espada. - Fuhén gritava as ordens para Rohkeus que manobrava seu taranthar sem saber exatamente o que fazer.

- Por que não vem comigo? Por que vai ficar aí? - Rohkeus perguntou, indignado e confuso.

- Fiquei muito tempo com a espada. Eles virão atrás de mim primeiro, tenho certeza disso. Vá! Não perca tempo e lembre-se do destino que lhe aguarda, Rohkeus Último Rugido! Agora eu compreendo o nome que a Anik lhe deu! - Fuhen sorriu.

- Quero ficar com o senhor! - Rohkeus disse, desesperado.

- Vá embora e cumpra seu destino, moleque idiota! Saia daqui agora! Segunda montanha ao leste! Fuja daqui! - Fuhen olhou para os cometas e depois para Rohkeus - Acredite nos espíritos. Acredite em seu destino. Você vai conseguir.

Rohkeus simplesmente olhou os cometas, depois para Fuhen, respirou fundo e gritou para seu taranthar instigando-o a partir encosta abaixo.

Só então Fuhen percebeu o quanto amava o garoto. Tinha-o como um filho e agora despedia-se novamente, porém, feliz em cumprir com seu papel. Como Ânã havia dito, Arthur era o mais importante dos três. Ele era apenas o guardião da espada e nada mais. Agora a espada deveria voltar para seu verdadeiro dono, o único capaz de usá-la. Assistiu Rohkeus desaparecer na mata rumando para a direção a qual havia sido aconselhado e deu-se por satisfeito. Sacou sua espada, vestiu uma luva de metal que usava em caçadas para agarrar-se à presa, uma bela peça inspirada nas garras de águias da montanha, e posicionou o escudo que havia improvisado com a carapaça do inimigo abatido. Fuhen sentiu o vento se intensificando conforme os cometas se aproximavam e retirou o capuz, não queria que nada o atrapalhasse.

- Eu posso morrer, mas não vencerão a minha causa. Não tirarão de mim o destino que os espíritos me guardaram. - gritou Fuhen em direção aos céus, deixando que sua voz ecoasse pelos vales abaixo.

Longe de lá Rohkeus corria contra o tempo com seu taranthar exausto seguindo de forma habilidosa por entre as árvores.

CAPÍTULO 10

"O SACRIFÍCIO"

O velho mutante esperou pelo choque da explosão, que não aconteceu. Ao contrário disso, os cometas curiosamente diminuíram a velocidade e passaram a flutuar pelo firmamento até finalmente rumarem suavemente em direção ao mutante. Fuhlen sabia que eles estavam confusos, confundindo-se entre o rastro deixado por Rohkeus e a sensação de presença deixada por Fuhlen. Por fim decidiram-se por verificar Fuhlen sem desperdiçarem a energia da explosão, tendo em vista que já havia destruído tudo na região.

- Que os espíritos guerreiros sejam meus aliados nessa luta! - Fuhlen gritou para o alto, em direção aos trovões enquanto acompanhava as criaturas voando lentamente em círculos ao seu redor.

Quanto percebeu que ainda tinha tempo de correr gritou uma ordem ao seu taranthar e saltou em direção à encosta. O taranthar correu para um lado e Fuhlen para outro, separando-se encosta abaixo. Então as estrelas que flutuavam calmamente no firmamento partiram velozmente como mísseis em direção ao mutante que corria.

Porém, Fuhlen era muito experiente, saltando para o meio da mata e correndo como um gato por entre as árvores. Ele havia ouvido de Rohkeus que as criaturas

procuravam pelos entulhos e concluiu que também dependiam da visão para caçar. Então ele rolou pela neve, deixando que seu manto se mesclasse com o branco e deitou-se no chão quase completamente recoberto pela turfa e pela neve e esperou olhando o negro formado pelas copas das árvores, através das folhas, por onde assistia o brilho das estrelas que flutuavam pelo alto.

A primeira criatura atravessou a copa de uma das grandes árvores e veio descendo, iluminando intensamente todo o ambiente escuro dentro da floresta de coníferas. Fuhlen teve certeza de que ela podia senti-lo de alguma forma, mas não conseguia enxergá-lo. Ela se aproximou, como um cego seguindo um cheiro, sem preparar-se para um embate, de forma curiosa e interrogativa. O oken anfall sabia que precisaria ser rápido, a ideia era ganhar tempo para que Rohkeus conseguisse fugir e despistar as criaturas.

Quando a estrela devoradora de luz chegou até a distância de toque, ainda sem enxergar o mutante deitado e oculto no chão, Fuhlen saltou de seu esconderijo como um gato que caça, atacando sua presa com um bote mortal. A lâmina pesada do mutante atravessou o pescoço do monstro, levando-o a movimentos desesperados. O mutante feriu-se de leve quando os membros da criatura o atingiram nos braços, mas então forçou a espada torcendo a lâmina dentro da ferida e observando chamas e luz saltando do corte. Em um movimento brutal o mutante girou o corpo, arrastando o monstro pela neve para o lado atirando-o ao chão, usando a espada como uma alavanca. Pisou sobre o peito da criatura como fazia com os ursos da região da Passagem Gelada e cortou para o lado, abrindo toda a lateral do pescoço. A criatura parou de se debater e sua luz se apagou, deixando apenas pequenos ferimentos nos braços do mutante, que arfava de cansaço graças ao grande esforço demandado. A criatura era dura e muito forte.

Claro que uma segunda criatura surgiu voando através das copas das árvores e não demorou em atirar contra o oken anfall. Era justamente por esse motivo que Fuhlen pretendia ser rápido. O caçador mutante teve tempo para girar para trás da grande árvore que estava ao seu lado, deixando que o canhão de energia do inimigo atingisse violentamente a madeira. Era isso que Fuhlen pretendia, que a criatura o tivesse como foco de atenção. Por que, ainda oculto pelo enorme tronco, agora quase completamente esburacado, Fuhlen gritou:

- É hora de caçar!

Seu taranthar saltou do meio da névoa, surgindo das trevas da noite caindo sobre o inimigo violentamente, com as duas patas dianteiras sobre a criatura esmagando-a contra o chão. A boca do gato gigante prendeu a cabeça de sua presa que começou a disparar aleatoriamente rajadas de energia, causando chamas e explosão por todos os lados da floresta até que um dos disparos acertou a cabeça do grande gato que tombou ensanguentado. O corpanzil do animal caiu sobre o devorador de luz, prendendo-o sob as toneladas do animal gigantesco. Fuhlen não perdeu tempo, correu e cravou-lhe a espada no que acreditava ser a boca da criatura.

- Morra desgraçado! - praguejou ele, com uma tristeza profunda lhe abatendo o coração.

Depois disso, por entre as chamas que ardiam ao redor do campo de batalha, ele se ajoelhou ao lado do gato e pousou a mão na testa do animal morto. Parte da cabeça lhe faltava e o sangue estava morno, deixando o vapor escapar para o frio da noite. Lamentou a perda do grande amigo. O velho mutante suspirou, já havia abatido dois inimigos sozinho até o momento e torcia para que o jovem Rohkeus estivesse correndo como o vento gelado.

Olhou ao redor e viu mais dois inimigos flutuando entre as chamas que ardiam ao redor, iluminando as copas das árvores de baixo para cima, transformando a floresta em um cenário lúgubre, triste e ardente. Puxou a espada de dentro de sua vitima causando um ruído metálico conforme a lâmina raspava nas bordas da ferida. Estava cercado, mas exibia um sorriso maligno. Respirou fundo juntando energias e partiu para a ofensiva, correndo diretamente na direção de um dos inimigos. Eles não esperavam por isso.

Fuhen foi alvejado por um disparo certeiro do pulso de energia concentrado, mas repeliu o golpe com o escudo feito de placa de "escama de estrela". Claro que o impacto foi tão grande que quebrou-lhe o braço, mas pelo menos não havia atravessado-lhe o corpo. Isso não impediu que o mutante alcançasse a criatura, mesmo que capenga e com o braço partido balançando ao lado do corpo. A mão que segurava a espada estava firme quando o aço desceu sobre o braço da criatura, arrancando-lhe ao atingir a dobra do cotovelo. A criatura saltou para o lado, flutuando em susto e dor, mas ela colidiu com uma grande árvore, tornando-se alvo fácil para a estocada brutal que o mutante desferiu. O golpe atravessou o abdômen feito de feixes de metal e prendeu-se na madeira do outro lado. Imediatamente Fuhen sacou um machado pequeno que trazia no cinturão e golpeou a cabeça, partindo o crânio e apagando mais uma estrela.

Quando deu por si, tinha uma das pinças de metal do monstro cravada em seu estômago, grunhiu e saiu de lá, cambaleante, tonto e rosnando, ainda com o machado na mão. Puxou a espada do inimigo escorando seu corpo com um dos pés, segurou uma arma em cada mão e voltou-se contra o quarto oponente.

- AAAaaaaahh!! - gritou ele enfurecidamente ao correr ao encontro do quarto monstro.

Foi atingido por tiros de energia três vezes até cair aos pés da criatura, ainda rosnando enquanto seu sangue banhava a neve branca e a turfa, tornando tudo avermelhado. Rastejou mais um pouco até mais próximo do monstro, ainda com o machado na mão, gorgolejando sangue até suas forças acabarem e não conseguir mais continuar. Mesmo assim manteve-se deitado suspirando. Seus olhos lutavam para manter o foco e podia sentir o ar deixando seus pulmões através do buraco deixado por um dos disparos. Olhou ao redor, procurando o inimigo pelas chamas que ardiam em todos os lados e assistiu-o aproximando-se com curiosidade,

interessado em sua espada. Não conteve a gargalhada e deitou rolando por sobre lâmina, obrigando a criatura a se aproximar ainda mais para averiguar a arma oculta.

O devorador de luz aproximou-se e manipulou o corpo de Fuhen sem delicadezas, puxando-o e dilacerando seu couro em suas costas, arrancando-o completamente do chão e erguendo-o com certa facilidade. A espada permaneceu no chão embebida no sangue escarlate do mutante, mas não era a arma que o devorador de luz buscava. Quando o monstro olhou na direção de Fuhen encontrou o machado vindo em sua direção. O golpe quebrou-lhe a face toda, derrubando-o com o mutante por sobre seu corpo.

Fuhen golpeou com o machado enfurecidamente inúmeras vezes e a cada novo golpe que atingia o monstro estilhaços de metal e faíscas saltavam no ar. A criatura usava suas pinças de caranguejo para perfurar o ventre do mutante, mas ele não se importava. Precisava apenas dos músculos do braço para continuar a mutilar seu inimigo. Quando o mutante terminou, o devorador de luz não tinha mais cabeça, apenas um amontoado amassado e quebradiço de metal. Sem luz, sem calor, sem vida.

Fuhen percebeu que não sentia mais as pernas e deduziu que os golpes do monstro o havia separado delas na altura do quadril. Não se importou. Forçou com os braços para se deitar ao lado da criatura com os olhos voltados para o alto, assistindo os brilhos de luz das outras criaturas que passavam por sobre as copas das árvores e compreendeu que havia cumprido seu papel. Cuspiu sangue para o lado e sorriu, sem importar-se com a dor que lhe era tão intensa que quase não a sentia. Sabia que estava morrendo. Sabia que estava indo ao encontro dos espíritos ancestrais, para a marcha derradeira através da trilha dos mortos. A senda branca, a fila dos merecimentos. Ficou satisfeito ao perceber que havia lutado até a última gota de seu sangue.

- Nada mal. Nada mal. - balbuciou Fuhen em seu último suspiro.

Por fim, viu Feihen, seu filho lhe estendendo a mão, e percebeu que já não pertencia mais ao mundo. A morte finalmente o havia abraçado.

...

Rohkeus seguiu com seu destino sabendo que seu mestre havia entregado a vida pela causa que ele agora carregava. O jovem não decepcionou Fuhen, empenhado-se ao máximo para cumprir seu objetivo. Até chegar ao túmulo de Feihen, Rohkeus lutou contra dois inimigos, sacrificando seu taranhar, e eliminando-os ao custo de sua vida. Seu gato gigante abateu um dos inimigos, e foi morto pelo outro. O jovem Rohkeus digladiou-se com o último inimigo arrancando-lhe dois

membros, um braço e uma perna para depois cravar a espada em seu tronco. Os ferimentos que havia recebido, porém, iam além de suas possibilidades de cura. Rohkeus apreciou muito o tempo que Fuhen havia lhe comprado, sem isso não teria chegado nem perto do túmulo de Feihen, mas com costelas quebradas e o abdômen aberto e escorrendo em sangue, o garoto alcançou a grande espada de Feihen que jazia cravada no solo depois de 20 anos de sua morte. Ao encontrar a cova do oken anfall Rohkeus lembrou-se da Anik e de seu nome. Lembrou-se da conversa que teve com ela e inflou os pulmões bradando um rugido furioso e estrondoso, tão primal e selvagem que remeteu ao seus mais longínquos ancestrais. Os oken anfaire que ainda andavam sobre os quatro membros. Rugiu como se o som pudesse afastar os inimigos, ouvindo uma revoada de pássaros saindo das copas das árvores, afugentados pelo som primal. Depois caiu de joelhos ao lado da espada de Feihen, ainda abraçando com a espada chave. Estava arfando e sentindo seu sangue quente pingando na neve. Olhou ao redor e não viu ninguém, nenhum inimigo, nem o Imortal.

Não muito longe dali, Háguen e Khalix, os Sigurds de Arthur di Drako montavam guarda em seu acampamento quando ouviram o último rugido de Rohkeus. Rohkeus havia cumprido sua missão.